

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO III

Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1916

Nº 29

Grupo mantenedor: Brazilio Taborda, Maciel da Costa, Euclydes Figueiredo, (redactores); B. Klinger, Lima e Silva, Pompeu Cavalcanti, Leitão de Carvalho, Souza Reis, Paula Cidade, Mario Clementino, Parga Rodrigues, J. Franco Ferreira, Luiz Lobo, Freire Jucá, Mario Travassos, Amaro Villa Nova.



SUMMARIO

Bertholdo Klinger

PARTE JORNALISTICA

! Asegurar la Paz !	Maciel da Costa
Propaganda civica.....	Redacção
Considerações artilheiristicas.....	Capitão Parga Rodrigues
O instructor de equitação.....	Traducção
O emprego da art. de campanha...	1º Tte B. Klinger
Escola de ferradores militares....	Major J. F. Leite de Castro
Questões á margem.....	1º Tte B. Klinger
Croquis de tiro.....	1º Tte Pompeu Cavalcanti
Organisação dos arsenaes e fabricas militares.....	1º Tte F. de Vasconcellos
Subsidio para o anno de instrucção	2º Tte Mario Travassos
Fuzil Mauser M. 1908.....	Cap. L. P. M. de Andrade
Notas e curiosidades.....	2º Tte F. Paula Cidade
A sargenteação.....	Redacção
Convocação.....	1º Tte B. Klinger

NOTICIARIO

A venda dos regulamentos — Publicações recebidas —
Expediente

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BRAZILIO TABORDA, MACIEL DA COSTA e EUCLYDES FIGUEIREDO

N.º 29

Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1916

Anno III

BERTHOLDO KLINGER

Em virtude de sua transferencia para o 4.º Regimento de Artilharia Montada, pertencente á 7.ª Região Militar, deixou as funções de redactor-chefe desta Revista o 1.º Tenente Bertholdo Klinger, que a 3 do corrente embarcou para o Rio Grande do Sul.

Abrindo uma excepção nas praxes estabelecidas desde o nosso primeiro numero, publicamos hoje o retrato do distincto camarada, dando uma resenha dos seus serviços a *A Defeza Nacional*, e accentuando os traços do character e da intelligencia desse official, que é uma reputação feita no Exercito e a quem sorri, com fundamento, um futuro brilhante na ardua carreira das armas.

Aos 16 annos verificou praça com destino á Escola Preparatoria e de Tactica do Rio Pardo, e depois de um curso brilhante, que lhe valeu o premio escolar, veio em 1901 para a Praia-Vermelha, onde dois annos depois foi laureado com o posto de alferes-alumno. Em 1908 concluiu o curso de engenharia e estado maior pelo regulamento de 1898.

A sua passagem pela Escola Militar do Brazil confirmou o alto conceito em que era tido desde os bancos preparatorios, e se como estudante conquistou sempre as primeiras notas, no circulo dos preceptores e dos condiscipulos grangeou unanimes sympathias pela sua aprimorada educação e sua correcta attitudo em todos os transes da vida academica. Austéro e

affavel, foi desde essa epoca adquirindo entre seus camaradas uma ascendencia espontanea, da qual elle era o unico a não se dar conta, pela absoluta despreocupação pessoal com que mantinha a sua indefectivel linha de conducta.



Espirito dotado de uma enorme força de concentração, o seu nome pouco apparecia fóra da Escola, e a época que tantos perderam em exteriorisações mais ou menos inuteis, elle consagrou a munir-se do solido cabedal em que hoje assenta o seu fecundo saber profissional.

Com os conhecimentos que adquirio na Escola Militar, e com as indiscutíveis provas de capacidade que deu nos exames das materias mais transcendentales, teria

facilmente encontrado no magisterio, ou em outras commissões dos serviços de engenharia e estado maior, um meio facil de escapar ao ingrato serviço da tropa. Mal terminou os seus estudos e após a praticagem de alguns mezes na estrada de rodagem de Guarapuava á foz do Iguassú, correu ao regimento para consagrar directamente ao Exercito a sua erudição, a sua intelligencia, e, o que ainda tinha mais valor, a sua vontade de ferro.

Como a artilharia foi a que entre nós mais vagarosamente evoluiu no sentido das modernas doutrinas tacticas, o jovem official formou logo no grupo dos dissidentes que, durante cerca de 10 annos, tiveram de lutar para abrir á sua arma novos horizontes.

Sem prejuizo do serviço, em cuja es-
crupulosa execução jamais o encontraram
em falta, dedicou-se com ardor ao estudo
das questões levantadas no Brazil com a
introdução da artilharia de tiro rapido,
mas, comprehendendo que acima de tudo
o mal que affectava o nosso corpo de ofi-
ciaes era a falta de uma orientação tacti-
ca geral, fez com a publicação do *Combate*
a primeira tentativa que se regista no
Brazil para reunir num livro, ao alcance
dos officiaes de todas as armas e de qual-
quer gráo de instrucção, os dados mais
essenciaes á solução dos problemas con-
cretos. Conhecendo o idioma allemão como
a sua lingua patria, conseguiu nessa tra-
dução do excellente manual exprimir em
portuguez, em toda a sua força e belleza,
a doutrina de guerra que ainda hoje se
aureola de triumphos nas frentes da Eu-
ropa central.

Em 1910, o 1º Tenente Klinger foi
designado pelo governo brasileiro para
servir no exercito allemão e coube-lhe es-
tagiar no regimento de artilharia de cam-
panha do Holstein n. 24, pertencente ao
IX C. E.

Do seu aproveitamento nessa honrosa
commissão, o Ministerio da Guerra teve
sempre as melhores informações e, sem
pretendermos diminuir o valor de outros
juizos emittidos a seu respeito, e que não
vieram a publico, transcrevemos a seguir
o que foi divulgado no Boletim do Exer-
cito n. 326 de 15 de Janeiro de 1914.

« 1º tenente de artilharia Bertholdo Klinger.
— Neste regimento de artilharia n. 24, estacio-
nado em Güstrow (Allemanha), trabalhou effica-
zmente, desde 1 de outubro de 1910 a 30 de
setembro de 1912, para o aperfeiçoamento de sua
instrucção militar. Dedicou-se invariavelmente ás
questões da sua e das outras armas, auxiliado
por excellentes qualidades de concepção, de jul-
gamento exacto e claro em relação á artilharia e
á tactica, adquirindo bons conhecimentos.

Em todos os serviços — evoluções, tiro e ser-
viço em campanha — demonstrou aproveitamento.
Conhece perfeitamente as disposições e prescri-
ções dos regulamentos para as manobras de sua
arma, para o tiro, equitação e serviço em cam-
panha.

Possue boas qualidades de observador para
o emprego de sua arma.

Sabe julgar as questões tacticas na solução
de themas do jogo da guerra, viagens de instru-
ção e conhece a linguagem militar empregada
nas ordens. Conduz-se sempre no serviço com
muita calma, segurança e precisão, agindo refle-
ctida e resolutamente. Sua conducta civil e mili-
tar é irreprehensivel, tendo sabido conquistar o
respeito e a consideração de todos os seus supe-
riores hierarchicos e camaradas. E' excellentesoldado, apto para servir junto aos commandos

superiores. (Assignado) — Merling, coronel com-
mandante do regimento. De inteiro accordo com
o parecer acima. (Assignado) Barão von Giller-
general commandante da brigada. De accordo.
von Nickisch, general commandante da divisão.

Mas não foi apenas desse modo que
competente official honrou o nosso Exercito
no estrangeiro, e deu no meio militar mais ex-
gente do velho mundo uma elevada demon-
stração da nossa cultura. A *Militär-Wochen-
blatt*, a mais importante revista militar da A-
lemanha, que conta um seculo de existencia
na qual collaboram os primeiros pensadores
militares do paiz, publicou no seu numero de
10 de Janeiro de 1911 um artigo da lavra
do nosso querido compatriota, sob a epigra-
phe *Am Richtkreis*. Neste artigo o
Tenente Klinger dava uma demonstra-
ção trigonometrica de como o circulo de po-
taria da artilharia allemã permittia deter-
minar a distancia entre dois pontos e re-
duzir a distancia entre duas estações pa-
ra o calculo da parallaxe, sem os inconveni-
entes do methodo que encontrou em u-
naquelle regimento.

Ainda como prova do alto apreço
que as autoridades allemãs, sob cujas
tas servia, tinham o seu character e sa-
aptidão profissional, foi designado em 1911
para tomar parte na viagem de esta-
maior do IX C. E., onde são admittidos
com rarissimas excepções officiaes sub-
ternos, e talvez, num caso unico como
seu, um official de nação estrangeira.

De regresso á Patria, Klinger foi cla-
sificado no 1º Regimento de Artilha-
Montada, servindo nesse corpo ininter-
ptamente até ser transferido. Todos os ofi-
ciaes da guarnição do Rio de Janeiro sa-
testemunhas dos abnegados esforços que
empregou para aperfeiçoar o gráo de in-
strucção da tropa e do quadro dessa re-
tada unidade. Na faina diaria da caser-
nos exercicios tacticos, nas campanhas
tiro e nas conferencias regimentaes, fi-
sempre um traço indelevel da sua indi-
vidualidade. Foi um dos fundadores do
Hoplitos Club, que com toda a regularidade
tem realisado na Villa Militar, na esta-
sportiva, as caçadas militares. Assiduo
quantador das partidas do *Jogo da Guerra*
que o illustre major Raymundo Seidl di-
gia na extincta IX região, desempenhava
se com a maior distincção do papel que
lhe era conferido nesses exercicios, e
rias vezes por designação do director
clarecia, com a precisão de linguagem,
clareza e o methodo que caracterizam se

trabalhos, certos pontos controversos da tactica das armas e da organização dos serviços.

Ainda perdura a impressão que deixou no Club Militar, quando leu a sua importante conferencia sobre as *Reservas do Exercito Allemão*, que foi integralmente publicada na edição da manhã do *Jornal do Commercio*.

Aquelles que até então só o conheciam através de lisongeiros referencias tiveram, por esse profundo trabalho, occasião de avaliar as qualidades de observação do seu espirito e o rigor com que estuda as questões profissionaes, geralmente exploradas entre nós com uma lamentavel superficialidade.

Collaborando com frequencia no Boletim do Estado Maior, ahi deu á publicidade, nestes ultimos tres annos, uma serie de importantes trabalhos, dentre os quaes destacamos a traducção do livro do general von Kleist — *A patrulha de official como orgão da missão strategica da cavallaria*.

De collaboração com o 1º Tenente Estevão Leitão de Carvalho, apresentou em 1914 ao Estado Maior do Exercito um *Regulamento de Gymnastica para as armas a pé*, que está hoje em vigor. Em 1915 foi incumbido pelo mesmo Estado Maior, com o capitão Lima e Silva, de elaborar os regulamentos de exercicios e de tiro da artilharia de campanha. Com a competencia e pontualidade habituaes, desempenhou-se a contento das autoridades superiores desse importante encargo, já se achando em serviço o Regulamento de Tiro e estando prestes a sahir o complemento do mesmo. O Regulamento de Exercicios está concluido e á espera de entrar para o prelo.

Prestes tambem a entrar para o prelo tem o nosso homenageado — o *Guia para o ensino da tactica* (obra official no exercito allemão) traduzido e adaptado para o uso das nossas Escolas Militares, com a collaboração de Leitão de Carvalho. Este livro, de cujo valor é inopportuna qualquer anticipação, está destinado a um grande successo nas nossas rodas militares e preencherá seguramente uma lacuna na bibliotheca de todos os nossos camaradas.

A espantosa capacidade de trabalho do 1º Tenente Klinger e um entranhado amor á causa profissional, nunca tornaram incompativeis os intensivos trabalhos de

official arregimentado com a sua collaboração em todas as empresas de iniciativa particular que tivessem por escopo o continuo aperfeiçoamento da officialidade e a propaganda nacional pelo serviço obriatorio.

Abraçando em 1913 a idéa da criação d'A *Defeza*, entregou-se de corpo e alma a esta revista, que, se a principio foi apenas uma tentativa audaciosa, hoje, graças á sua coragem para vencer a indifferença do meio pelas questões de interesse colectivo, e ás suas qualidades de organisador, é uma instituição indissolúvel.

A sua contribuição litteraria nas nossas paginas já é enorme, e a recapitulação que fazemos a seguir dos seus mais importantes artigos, demonstra que a sua actividade jornalística não tem a pretensão de produzir trabalhos originaes e tendenciosos, mas procura de preferencia orientar a opinião dos militares sobre todos os assumptos profissionaes que se debatem no momento, vulgarizando os estudos dos mestres mais reputados.

No periodo de dous annos em que foi nosso redactor-chefe, o 1º Tenente Klinger além de numerosos editoriaes firmou os seguintes escriptos, cada um dos quaes vale por uma pequena monographia que será sempre consultada com proveito:

Correntes tacticas na artilharia franceza, trad. do «Vierteljahreshefte» do G. E. M. — ns. 1 e 2.

A nossa reserva — n. 2.

A tactica da artilharia allemã, trad., do major von Böckmann.

O esclarecimento na artilharia (exploração, reconhecimento e observação), trad., do major general Hoehn — n. 7.

Serviço de sapa em campanha para todas as armas, trad. do Regul. allemão — n. 7 e seguintes.

A tactica da cavallaria, trad. do allemão — n. 8.

Tactica da artilharia de campanha, trad. do allemão — n. 8.

Tiros de instrucção para artilharia — n. 9.

Projectil unico.

A instrucção de tiro na cavallaria, trad. do allemão — n. 14.

As divisões do Exercito e sua artilharia — n. 15.

A fortificação de campanha na França, trad. do allemão — n. 15 e seguintes.

Emprego e exame do material telephonico da artilharia de campanha allemã, trad. do allemão — n. 15.

A precisão do tiro individual na infantaria, á luz da theoria das probabilidades, trad. do allemão, general H. Rohne — n. 16 e seguintes.

A organização divisionaria... e 18 mil homens.

Processos de pontaria indirecta — n. 20.

Questões á margem, serie de artigos explicando, á luz do regul. allemão, as «Cartas de Griepenkerl».

Patrulhas de infantaria, trad. do allemão — n. 23 e seguintes.

Em defeza do R. T. A. 1914 — n. 24.

Quando esta revista foi fundada so-
brava quem escrevesse, mas precisavamos
de alguém capaz de esforços continuados,
que não esmorecesse deante das difficul-
dades de ordem material e moral que iam-
os encontrar. Sem fazer alarde de seus pro-
jectos, Klinger foi pouco a pouco ganhando
terreno e á medida que nos fazia avançar
ia alargando a esphera da nossa expansão
e consolidando as bases da nossa existen-
cia. Com esse espirito de disciplina e pre-
cisão, que é o apanagio das organizações
superiores, regulamentou até os menores
detalhes todas as questões da nossa eco-
nomia, e estabeleceu regras tão intelligen-
tes para a successão dos redactores, que
esta Revista não pôde soffrer soluções de
continuidade com as mudanças a que a
instabilidade dos officiaes sujeita o seu
pessoal director; e como este é sempre re-
crutado num numeroso grupo, escolhido
com o maximo escrupulo para conservar
a unidade da *Defeza*, não ha o menor ris-
co de vel-a jamais degenerar em instru-
mento de qualquer ambição pessoal.

Nós lhe devemos essa obra de organiza-
ção que cercou a vida desta Revista de todas
as garantias para o futuro. Dando, pois,
uma prova publica do apreço em que te-
mos os serviços do notavel companheiro,
não incidimos numa homenagem vulgar.
Levando-o até o limiar da nossa porta com
todas as honras que merece, não nos des-
pedimos d'elle. O fructo das suas utilissi-
mas reflexões e do seu incansavel trabalho
pelo Exercito continuará a ser dirigido para
estas columnas, onde teremos sempre o
prazer de revel-o.

!ASEGURAR LA PAZ!

Circumscripção pelos 3.600 kilometros
do littoral e pelos 6.000 kilometros de
suas fronteiras terrestres, a Argentina, cujo
commercio total monta á respeitavel som-
ma de quasi 1.700 milhões de pesos (anno
financeiro 1911/12), offerece todas as faci-
lidades de invasão, mais ainda pelas fron-
teiras terrestres do que pelas marítimas.
Na opinião do sr. tenente-coronel Jaure-
gui no seu livro, cujo titulo encima este
artigo, é menos que precaria a segu-

rança que offerece á Argentina, em seu
flanco esquerdo, a gigantesca cordilheira
andina, ao contrario do que geralmente
se pensa e frequentemente se repete. A
suas zonas mais povoadas, os seus nu-
cleos de mobilisação e os seus pontos de
concentração inicial, que são ao mesmo
tempo os centros em que as unidades
completarão os seus effectivos de guerra,
nos quaes se hão de formar os novos
corpos de reserva, acham-se situados
muitos dias de viagem da cordilheira, a
passo que o Chile tem distribuidos, qua-
regularmente ao longo da sua fronteira
lêste, os seus centros de recursos de ma-
terial e pessoal e dispõe de um syst-
ma ferro-viario, base primordial de toda
grande operação militar, constituído por
uma linha principal e central com muito
ramaes transversaes, á semelhança de g-
gigantesca centopeia, que se estirasse pe-
lo centro do paiz, desde Antofogasta ao norte
até Llanquihue ao sul, e estendesse de
patas d'um e d'outro lado, para o littoral
do Pacifico e para os cimos da cordil-
heira.

Emquanto que, graças a essas circum-
stancias favoraveis, a offensiva chilena
pôde assumir um caracter rapido, violento
e efficaz, as tropas argentinas não só não
teriam tempo de contel-a na propria fron-
teira como se teriam de resignar á inva-
são das importantissimas regiões do oeste
argentino, deixando dessa forma ao inimigo
a inestimavel vantagem de fazer a guerra
servindo-se dos proprios recursos do adver-
sario. O autor considera o Chile, ao con-
trario, quasi inexpugnável, pois está em
condições de saber com uma larga ante-
cipação em que pontos se effectuam as
reuniões de tropas do adversario, em vir-
tude da propria lentidão com que se
realizadas, ao passo que a Argentina, me-
mo sabendo com antecedencia quaes
são os pontos de concentração das forças chi-
las, não poderá embaraçal-a nem evita-

Taes são as circumstancias, que
Chile está em condições de concentrar
e S. Felipe tropas cinco vezes mais num-
rosas, enquanto a Argentina transporta
uma brigada de 6.000 homens para U-
pallata. Nem vale a pena considerar a hy-
pothese de construcção de obras de defeza
ao longo dos 3.800 kilometros da fronte-
ira andina, pela fabulosa despesa que aca-
retariam.

A Argentina, na sua fronteira nordés-

não terá de arcar com tão grandes dificuldades como no oeste, mas nella também se encontra em condições desvantajosas para effectuar uma rápida concentração, que lhe permita proteger as cidades e povoações ribeirinhas do Uruguay contra a avalanche invasora ou contra os bombardeios dirigidos da margem opposta. Contando de prompto apenas com os reservistas de Entre Rios e Corrientes, separadas como estão, por toda a largura do Paraná, do theatro das grandes operações inicias as outras doze provincias da Republica, terá de fazer frente ás tropas concentradas dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catharina, Paraná e também S. Paulo, cuja população total é oito vezes maior que a daquellas duas provincias.

O sr. tenente-coronel Jauregui suppõe ainda, mais por deducção que pelo exame da realidade, que o Brazil dispõe na propria fronteira de consideraveis recursos locais de que se valeria em caso de conflicto: cidades como Uruguayana, S. Borja, Itaqui, etc. e uma colonia militar, sedes de regimentos das tres armas, que lhe permitem a mobilisação e concentração simultanea e parcial e até o inicio da invasão, antes que as tropas argentinas podessem ser transportadas em numero sufficiente para detel-a. E esta inferioridade numerica inicial, resultado da distribuição permanente dos elementos em tempo de paz, se complicaria ainda mais se ao Brazil se reunisse a Republica Oriental; contra as forças reunidas dos quatro estados brasileiros do sul e dos seis departamentos orientaes das margens do Uruguay, seria impotente a divisão em esqueleto (3.^a Região Militar) que a Argentina mantem permanentemente acantonada na mesopotamia.

A' maneira que se desenrolassem as operações, nos 3 ou 4 mezes do primeiro periodo da lucta, a situação não melhoraria de modo apreciavel para a Argentina, pois a unica communicação real e permanente que liga as provincias de Entre Rios e Corrientes ao resto da Republica consiste em quatro embarcações do ferry-boat, que em quinze horas fazem a viagem redonda entre Zarate e a embocadura do Uruguay, e no F. C. Entrerriano, de via simples. Póde-se dizer que seriam precisos cerca de dous mezes para o transporte de uma divisão de Buenos Aires até a fronteira com o Brazil, provida como é natural de todos os recursos e serviços, dado

que nenhum embarço sobreviesse em uma linha que não foi especialmente construida para taes fins. Ao cabo de alguns mezes é provavel que se estabelecesse o equilibrio ou que resultassem algumas vantagens para a Argentina, que recorreria á sua esquadilha fluvial, aos corpos estacionados em Mendoza, Jujuy e Resistencia e ás tropas das demais regiões militares, mas a opinião do sr. tenente-coronel Jauregui é que os primeiros grandes choques teriam lugar em territorio argentino, desde que perdurassem as actuaes condições do paiz, quanto ao numero dos seus elementos de defesa e minguados effectivos.

O Exercito Argentino se compõe de 20 regimentos de infantaria de 4 companhias em 2 batalhões, 9 regimentos de cavallaria de 4 esquadrons, 5 regimentos de artilharia de campanha de 4 baterias, 1 regimento de obuzes de campanha de 3 baterias, 2 grupos de artilharia de montanha de 2 baterias, 5 batalhões de engenharia de 3 companhias e de 1 batalhão ferroviario, e desse exercito o sr. tenente-coronel Jauregui, forma a alta opinião que aqui vae citada textualmente: "Por más que en el ejército, como el país bien lo sabe, todo el mundo sin distinción de grado ni de empleo, trabaje con verdadero entusiasmo y ardor, a fin de que el conjunto rinda lo más possible cuando llegue el momento. Por más que se trate de aprovechar con el más agudo y justo criterio económico, hasta el ultimo centavo de los fondos destinados a mejorar nuestros elementos de defensa, y por más en fin, que no exista ni la más remota duda de que nuestros conscriptos se batirán con el mismo arrojo y abnegación que los gloriosos veteranos del pasado, no por eso dejaremos de llorar las amargas lágrimas que vierten hoy otros, cuando contemplemos la ruina de una parte de nuestro país y se nos oprima el corazón, ante el espectáculo de cientos de nuestros padres ancianos, madres y niños que vagan tambien hambrientos mendigando un pedaso de pan."

O autor deixa bem patente que os effectivos do exercito são actualmente os mesmos de 1898, ao passo que o desenvolvimento interno e o commercio de importação e exportação cresceram em progressão geometrica dessa data até o presente, sem que correspondentemente tivesse augmentado a capacidade bellica, que continua exactamente a mesma, e accrescenta:

“¡Nuestro capital se ha centuplicado, pero como el seguro de ese capital ha permanecido el mismo, quiere decir que la garantía ha decrecido en la misma proporción que el capital aumentaba!

Somos un comerciante muy avaro, que en vez de mandar nuestro tesoro en un barco moderno y seguro, que cobre flete más elevado si, pero ofrezca en cambio grandes garantías; preferimos economizar la miserable diferencia de tarifa y embarcar en un barco de madera, viejo y a vela, el precioso cargamento; por bien tripulado que esté el viejo navío y por hábil y tenaz que sea la tripulación, es siempre viejo y se hundirá mil veces antes que el otro, fuerte, moderno y bien preparado para resistir la tormenta!

¡Y seguramente, que si el día menos pensado viene la tormenta y el barco se hunde; el gran avaro querrá ahorcar al capitán, al timonel y a los tripulantes, que se condujeron sin embargo como verdaderos héroes!

Así también, nuestro ejército y nuestra marina de guerra, non disponen hoy, ni de los efectivos, ni de los elementos que necesitan para garantir como es debido y con toda seguridad el caudal que se les ha confiado, es decir, el país, su riqueza y su existencia.

Y seguramente también, que si mañana viene el momento de la prueba y somos aplastados; el pueblo, ese mismo pueblo, que economiza ahora un par de millones sobre la defensa nacional, querrá echar al suelo al gobierno y recluir en una cárcel a sus miembros, porque no han evitado la ruina del país; pedirá que a los generales vencidos se les ahorque; habrá procesos y condenas injustas contra unos, puesto que la culpa tendremos todos; recién entonces vendrán los lamentos y también las recíprocas recriminaciones porque no nos habíamos preparado.”

Emquanto a Argentina, assim descuidada da sua segurança, próspera e enriquece, os seus vizinhos, mais cautos, e apesar da crise em que se debatem e da superioridade militar que já possuem, não cessam de acumular elementos de defesa e de ataque. O Chile vota créditos especiais para manobras de 30.000 homens em frente de Mendoza e San Juan, as partes mais ricas e povoadas do oeste argentino e por isso mesmo as mais expostas, convocando pela primeira vez na América classes de

reservistas para essas manobras e oficiais da reserva. Reunidos em conselho, todos os generaes exercendo commando de tropas, projectam as bases do thema tactico e estrategico que se deve resolver. O presidente da Republica Oriental, em mensagem ao parlamento, declara que a sua maior preocupação será o melhoramento da capacidade bellica do paiz e logo são apresentados projectos de leis relativos á creação de um exercito permanente, que em 24 horas seria elevado até 24.000 homens, á fortificação de diversos pontos fronteiricos, ao estabelecimento de campos de minas, etc.

O Brazil por sua parte, quem o diz é o sr. tenente coronel Jauregui, jamais encobriu os seus incessantes preparativos militares e navaes, e faz pouco tempo que o Ministro da Guerra se dirigiu aos seus concidadãos pelas columnas de um dos órgãos mais importantes da imprensa fluminense (5 de Fevereiro de 1915), para declarar em uma larga e notavel exposição a absoluta necessidade de augmentar quanto antes a capacidade bellica do paiz, pela forma prescripta pelo general von Bernhardt, que aconselha os grandes efectivos desde o tempo de paz. É o sr. Ministro terminava a sua publica exposição indicando as medidas que serão tomadas, e que revelam de modo clarissimo o firme proposito do governo em augmentar consideravelmente a preparação bellica do Brazil. Como se vê, o livro do sr. tenente-coronel Jauregui, que foi um successo de livreria em Buenos-Ayres, merece ser attentamente lido e por isso mesmo este resumo tem a fidelidade de uma traducção.

Maciel da Costa.

Propaganda Civica

Em uma recepção dada no Centro Paranaense ao Presidente eleito do Estado do Paraná, a 22 do mez proximo passado, o orador official fez um appello a esse Presidente, para que no seu governo procure trabalhar com dedicação e energia em prol da educação civica do povo.

A *Defeza Nacional* faz seu esse appello e o estende aos Presidentes de todos os Estados.

Com o esforço conjugado de todos os administradores politicos da Republica, dentro de pouco tempo estaremos em bom

Caminho para a preparação da defesa da Patria.

Extrahidos do *Jornal do Commercio*, aqui transcrevemos alguns topicos do referido appello:

"Por determinação da maioria dos meus consocios e conterraneos aqui reunidos, cabe-me a tarefa de saudar em nome do Centro Paranaense o Presidente eleito do Paraná, e que neste momento nos honra com a sua presença.

Nada vale dizer coisas elogiosas, sonóras, phrases feitas de sons azues ou de vapores côr de rosa, que podem agradar pela forma e pelo colorido, mas que muitas vezes mentem, enganam, deturpam os pensamentos, torturam as idéas e no minimo maltratam a modestia de quem as ouve, quando não deprimem o caracter de quem as enuncia.

Estas palavras, que podem desagradar a muita gente, não são aqui agrupadas com preocupações estheticas, mas com um forte cunho de sinceridade.

Nem de outra coisa carece o momento historico que atravessamos. Nuvens preságuas divisam-se nos horizontes brasileiros e quem quer que ausculte o coração desta grande enferma que é a nossa Patria, ha de reconhecer-lhe o estado de anemia profunda, de verdadeira miseria moral e organica, quasi a desfallecer ou a succumbir, talvez, se o quanto antes não se lhe injectar nas veias uma corrente vivificadora impulsorada pelos nossos corações e rythmada pela harmonia, pelo amor e pela abnegação dos filhos desta terra.

Pessimismo! — dirão os utopistas que aspiram o Nirvana da paz universal.

Pessimismo! — não de responder em côro os que se servem desse ideal paradisiaco como de uma mascara para disfarçar o baixo egoismo e a covardia que lhes mora na alma.

Ha pacifistas e *pacifitas*.

Pela paz são todos os corações bem formados, mas pela paz com dignidade, com honra. Almejar a paz incondicionalmente, até mesmo a troco de humilhação e de deshonra, não é ter ideaes alevantados, é ser simplesmente infame.

E' um dever de honra combater a acção dispersiva e impatriotica dos que levam disfarçadamente a aconselhar aos brasileiros a fraqueza e a pusilanimidade, com artimanha de modernas agapêtas e com phrases ôcas fantasiadas de acrosophia.

São ouvidas frequentemente cousas deste estofo: «Não precisamos de serviço militar, não precisamos de Exercito; alistai-vos commigo nos exercitos da paz, que são os exercitos do futuro! O *direito* é a unica força, a unica divindade verdadeira!"

Palavras bonitas, convidativas pela commodidade, sonóras e estasiantes para as almas ingenuas, porém que, analysadas, são como os fogos fatuos: desfazem-se, não supportam o exame.

Os mesmos que, para armar a effeito, costumam pronunciar taes palavras, inculcam-se estribados nas leis da evolução, como se essas leis não fossem o melhor argumento contra as theorias involutivas que elles prégam. Elles deslembra-se, ou talvez mesmo ignorem, que a lei mais importante da evolução é a da selecção natural, em virtude da qual o fraco tende sempre a ceder lugar ao forte.

Esses são os *pacifitas* ou pacifistas de fancaria. Os verdadeiros e sinceros pacifistas procuram collocar seus ideaes dentro das leis naturaes que regem a evolução das coisas e desejam uma Patria defendida para ser respeitada, e forte para poder evoluir á sombra de uma paz digna, que promane do seu direito effectivo de existencia e não de um direito platónico concedido pelos mais fortes enquanto descançam e o momento não se torna azado para um esbulho ou para uma annexação completa.

O Governo da União precisa agir com energia e presteza, mas só essa acção não basta, porque por muito intensa e bem orientada que seja, estará condemnada fatalmente a dissolver-se, a diluir-se pelo ambiente ingrato que os erros politicos passados crearam em todas as camadas sociaes. Além disto, a immensa vastidão das terras brasileiras, escassamente povoadas, desprovidas de meios faceis de communicacão e entregues á jurisdicção autonoma dos Estados, seria uma barreira difficil de ser transposta pela acção exclusiva da União.

E' necessario, portanto, que todos os governos locaes tomem a peito essa tarefa. A somma de todos esses esforços será a grandeza nacional.

E' preciso abordar o problema desde a escola primaria, onde uma orientação apaixonadamente patriotica burile na alma

da criança a imagem da Patria Brasileira e mergulhe nessa consciencia ainda em formação as raizes da noção do dever, da necessidade de collocar a patria acima da familia, do dever sagrado de morrer pela Patria nos campos de batalha quando isto fôr necessario para sua honra e para sua gloria.

E' necessario aproveitar a inestimavel acção que o elemento feminino pôde exercer sobre a instituição methodica do patriotismo.

As senhorinhas, essas almas de angélica e de flôr de laranjeira abertas aos sentimentos santos, representam um papel poderoso na formação do caracter de nacionalidade de um povo. Ellas têm o encanto da virgindade, o aroma da innocencia e o nectar da belleza com que Deus as dotou para que possam exercer sobre os homens uma attracção analoga áquella que as flôres exercem sobre as abelhas.

Assim, se desde a mais tenra infancia ellas aprenderam a amar a Patria acima de tudo, com verdadeiro espirito de religiosidade, ellas poderão operar milagres como sacerdotisas desse culto, e serão inigualaveis professoras de civismo.

A senhorinha é a mulher na phase em que ella representa com mais brilho o enlevo da existencia para o homem.

A sua imagem estimula o amor do homem pela gloria.

Qual de nós homens, na phase propria, não terá sentido ou presentido dentro em si um desejo immenso de ser grande, de ser heroe, para assim melhor merecer a bem amada?

Mais tarde, como mãe, ella será a educadora patriótica por excellencia, e formará, á feição de seus ideaes, o caracter e o coração dos filhos.

Para o homem, depois das lições maternas e da escola, virá o serviço militar ensinar-lhe o manejo das armas por que se torne apto para defender a Patria que desde o berço elle aprendeu a amar.

Eis em pallido esboço um programma para a instituição do patriotismo no Brazil.

E' uma necessidade inadiavel, pois como já dissemos alhures, e está no consenso de todos vós, no estado actual, a maior desgraça que possa ameaçar esta terra não terá força capaz de fazer com que os brasileiros se levantem como um blóco para a resistencia.

E' necessario que a acção se desenvolva em todos os recantos do paiz, porque acções isoladas pouco ou quasi nada valem.

Ides em breve assumir o Governo do Paraná.

E' certo que o momento está cheio de difficuldades, mas não é menos certo que urgem energicas providencias em pról da segurança nacional; e se continuarmos a dormir indolente e criminosamente como temos feito até aqui, muito breve, mais breve do que se pensa, quando accordarmos estaremos sem honra a sem Patria.

Eis que antes de dar cumprimento á determinação da directoria do Centro, nós, levado pelas preoccupações que nos acabrunham o coração de brasileiro em face do perigo imminente, vos dirigimos este appello para que, na orbita de attribuições da importante autoridade que ides exercer, vos dediqueis com amor, com carinho e com energia á sagrada campanha da geração de um verdadeiro caracter de nacionalidade no Brazil.

E agora, nós vos saudamos, fazendo votos para que venhais a ser um dos melhores operarios da grandiosa obra da defeza nacional e para que ao lado dessa gloria politica, vos caiba sempre ser acompanhado pela estima publica e por uma perfeita felicidade pessoal."

Considerações artilheiristicas

Traduzido da M. W. Blatt
pelo capitão Parga Rodrigues.

O presente vôa celere. Não obstante uma reportagem incompleta e defeituosa orientação, iniciou-se, ainda no decorrer da Guerra Balkanica, a analyse dos factos e do resultado dos acontecimentos militares. E' evidente que muitos julgamentos, baseados em tão instaveis alicerces, são parciaes e não podem resistir a um exame consciencioso. Muitos auctores não levam absolutamente em conta o tempo, alma dos successos militares.

O estudo de trabalhos de tal natureza e a leitura do artigo de um reporter são muitas vezes a unica razão de ser do conhecimento de que somente sahem consequencias, generalidades e direcções de variadas alternativas. Quem, durante a Campanha da Mandchuria e a Guerra Balkanica, acom-

panhou a sua importante historia e cuidadosamente examinou as informações officiaes e, mais ainda, momentaneas descrições de batalha de origem alleman, italiana, franceza, russa e ingleza, sabe que a verdade, as narrativas tendenciosas e uma critica destruidora, indulgencia demasiado benigna e uma pretenciosa admiração, de quando em vez, se defrontam abruptamente. A guerra falla uma lingua rude e seria que somente poderá ser comprehendida pelo conjunto das operações e não pelos casos isolados.

Lemos na instrução de combate em vigor antes da Guerra Russo-Japoneza: a execução do ataque de infantaria antes da dominação da artilharia inimiga é, na maioria dos casos, uma perigosa empreza. Contudo, o resultado dos combates este-asiaicos nos ensina claramente que a neutralisação passageira de baterias não visíveis ou habilmente desenhadas ás vistas foi extremamente difficil. O desejo de destruir essas baterias conduziu a um funesto dispendio de tempo e de munição. Só ariscaram sua existencia as baterias occupando posições descobertas. Por isso a phrase, á guisa de freio, ao começo citada, a qual commetteu uma innatural violencia contra a coragem alegre no ataque, foi riscada.

A noção stereotypica do duello de artilharia perdêra o direito de existencia.

Vieram, então, as primeiras batalhas da 1ª guerra balkanica. Em Kirkilisse, Lülle Burgas e Kumanowa deram-se os referidos combates de artilharia. As baterias bulgaras e servias acharam opportuno, exactamente no meio de uma simples e brutal realidade, primeiro justar contas com as peças inimigas visíveis e por isso attingíveis e, assim, após haverem-se desembaçado do inimigo particular, cuja actividade talvez viesse a tornar-se perigosa, poderem com illimitada liberdade e o mais impetuoso fogo, preparar a brecha. Devemos registrar estes factos como exemplos adequados a evidenciar a necessidade de uma conducta racional, conforme as circumstancias, os quaes, porem, de modo nenhum devem permittir a conclusão de que o duello de artilharia seja necessario.

Muito menos é justo que d'ahi se tirem principios.

Em combate a artilharia, no que concerne á installação, é o mais fixo elemento. O atirador tem que adeantar-se no assalto penetrar na linha inimiga.

«Por essa razão a primeira, a mais importante e exclusiva missão das baterias, é apoiar a arma decisiva» e, attendendo cada vez mais á situação tactica, ao avanço ou estacionamento do ataque de infantaria, bater os objectivos cujo dominio ou neutralisação se torne opportuna.

Consequentemente concebe-se o canhoneio das peças inimigas, não com o intuito da propria defesa, as quaes em virtude de sua situação possam ser distinguidas. «Tudo que no campo de batalha fazemos ou deixamos de fazer deve aplinar o sangrento caminho da infantaria.»

A resposta á questão, como se deve directa ou indirectamente e do melhor modo possivel apoiar a mesma, encontra o artilheiro nas exactas informações que continuamente lhe são dadas no que diz respeito á sua conducta. Este simples ponto de vista, não limitado por clausulas, basta de um modo completo aos officiaes instruidos na tactica e despidos de preconceitos. A explicação minuciosa e a limitação das noções simples de vontade do soldado, provenientes do bom senso ainda não influenciado e da iniciativa, são sempre mais prejudiciaes do que uteis. Não se deve dogmatisar onde a dogmatisação não tem cabimento; entra-se, não na sciencia da interpretação dos sonhos mas exactamente na philosophia do combate.

«Do que precede se conclue que a necessidade do duello de artilharia é precisamente tão sem consistencia, quanto a sua negação systematica.»

Frequentemente apresentar-se-á o caso em que o dominio das baterias inimigas é essencial; nos casos em que lamentavelmente não se possam, de modo seguro, descobrir as peças adversas, é preciso, sem hesitação, pôr de lado a sua efficacia. Sobre isto calar é omittir. E' preciso renunciar a effeitos problematicos sobre objectivos que realmente com vantagem poderiam ser batidos se pudessem ser descobertos.

Tudo que fôr capaz de produzir algum effeito no campo de batalha deverá, de um modo positivo, ser levado em consideração. «As baterias que amarram seus fogos a um adversario não visível devem ser consideradas como não existentes na evolução da realidade.»

A artilharia tem um longo e vigoroso braço e, sob segura direcção, exerce uma poderosa influencia durante o combate.

No campo de acção a infantaria, á medida que a distancia de tiro encurta, vê-se cada vez mais limitada na sua liberdade de decisão. As baterias que occupam posições cobertas, ao contrario, nunca devem sahir das mãos do commandante da tropa ou da artilharia. «Quanto á importancia dos alvos e á ordem de successão em que devem ser batidos, somente resolve uma pura e concreta situação de combate e nunca um dos muitos exemplos tirados á theoria».

A fixação de principios tacticos é um trabalho mental.

Ao commandante da tropa compete agir; elle deve realisar no sangrento campo de batalha os ensinamentos theoricos adaptando a estes as circumstancias variaveis. Ao lado da intelligencia e do conhecimento tactico abstracto cresce em importancia o modo de accepção. E' pela maneira de executar que se realisa a vontade do chefe. Devemos, então, voltar as vistas para a organização da artilharia, a distribuição e agrupamento das baterias no campo de batalha e para o funcionamento sem attrito dosapparelhos de transmissão de ordens. Apesar de haver-se já muito escripto a respeito, falta ainda um pouco de simplicidade e clareza.

Em França o já muito repisado modo de vêr, em razão do qual existem as baterias de infantaria e as contra-baterias, é seductor.

Em principio, se se collocam as peças ante uma missão de capital importancia, espera-se que as mesmas sejam menos distrahidas e, attendendo-se á sua missão assim simplificada, é possivel que ellas com a maxima probabilidade se tornem uteis. As baterias de infantaria e a infantaria do grupo especial de combate ligam-se. A resistencia da linha de atiradores inimiga será destruida ininterruptamente, á medida que a lucta progride, por meio de uma cooperação momentanea, moral, physica e cada vez mais intensiva.

As contra-baterias, desviando os olhos da lucta de infantaria, precisam estar promptas para immediatamente atacarem as peças inimigas que se deixem vêr, dominando-as ou neutralizando-as e poder, assim, apoiar a infantaria amiga e evitar todo e qualquer estorvo na acção das baterias de infantaria.

A concepção schematica distribuiu, assim, muito bem os papeis.

Infelizmente, porem, colloca em repouso ou em tabella a realidade do combate, devido aos factores variaveis, é de mil modos combinada. Para onde dirigem os fogos das baterias de infantaria, no caso em que o adversario, agora bem coberto, deixa vêr uma esparsa linha de atiradores, principalmente, baterias inimigas hão que troam impondo cathgorico alto á infantaria amiga? A necessidade obedece a determinadas peças do inimigo!

Sobre que devem as baterias inimigas atirar, ellas que, de um lado depois longa troca de fogos sem resultado, observam que é impossivel dominar a artilharia do parceiro que está occulta, e que de outro, veem a sanguinolenta oscilação, frente e á retaguarda, da lucta de infantaria?

Deverão ellas, somente porque se chegam a mani contra-baterias, resolver a cousa, no momento critico, trocando tiros a torto e direito com um adversario invisivel? Ou devem as mesmas ficar quietas, abandonar a infantaria e esperar até que as peças inimigas appareçam algures? Como tirar partido do vigôr do combate até então existente? A manifestação das baterias daria, talvez, lugar a uma parcella de successo e dessa parcella proviria a grande e gloriosa victoria final. Não gumentemos, porém, com os talvez. «exijamos, consequentemente, a continuação da utilização de todo e qualquer recurso no combate.» Esperar pelo adversario, e queremos aniquilar por meio de um ataque que precedido de cuidadosa preparação pelo fogo, tem o seu lado bom, mas o seu lado máo si, por causa da educação, tornar-se um habito. Acontece algumas vezes que, em lugar da decisão tactica, uma iniciativa timida ou incompleta nada permite fazer opportunamente, e se é obrigado a esperar até que uma boa ou melhor occasião se apresente. Lembro-me de um alto funcionario que, por occasião de uma visita á Escola de Artilharia de Praça, no anno de 1908, disse: Meus senhores, não se esqueçam de atirar, de tanto ficarem á espreita.

Tambem são artificiaes as considerações feitas em favor ora do «sector» ora do «grupo», ora da chamada «artilharia independente».

No primeiro caso as baterias serão repartidas pelos sectores ou grupos de combate consequentes de um ponto de vista tactico. A totalidade da artilharia depende,

sim, de maior numero de chefes, dos commandantes de grupo. Falta a reguladora direcção dos fogos pelo commandante em chefe, por intermedio do commandante geral da artilharia e a methodica concentração da efficacia, afim de que se possa perturbar o adversario lá onde haja phases de combate apresentando uma peremptoria importancia. Quem tiver oportunidade desmentirá facilmente que baterias instaladas separadamente possam ser centralisadamente dirigidas (podem sem duvida arranjar-se situações de combate que isso illustrem) e dará preferencia pela artilharia agrupada.

Quem, ao contrario de uma vontade permanentemente inconstante e não unica, admittir a influencia e autoridade do chefe e considerar que as batalhas não se decidem em algumas horas e sim em dias, não quer vêr que, não obstante a indecisão do combate após a conquista de um ponto seguro, de um importante ponto de apoio ou de uma situação especial, a maior parte das baterias devem ficar nas mãos do mais graduado commandante de artilharia nos casos exigidos pela rija concentração dos fogos e pela independencia do commando das baterias dos grupos de combate de infantaria.

Vê-se que por um ou por outro caminho se vae a Roma. Não ha uma linha recta rigida e os que a descobrem e pregam arranjam para si um duvidoso merito.

Muitissimo acima das melhores doutrinas contidas nos regulamentos, alcança, no caso concreto, a vontade viva, cheia de iniciativa e inspirada do chefe, a qual a ellas se oppõe duramente, no caso de infelicidade.

Educar soldados é dedicar-se ao culto do character e da vontade. Os homens resolutos na acção tiram de si mesmo o modo de agir.

Talvez, nem sempre, acertem com o melhor, perecem ás vezes, mas na maioria dos casos, obtêm exito.

(Continúa.)

O instructor de Equitação

Do R. Eq. allemão

O instructor de equitação deve estar de posse da arte de montar, tanto quanto o exige a sua função, theorica e praticamente. Deve estar plenamente ao par do objectivo e do curso da instrução, conhecer o fim, fundamento e correlações

intimas das lições e das difficuldades e erros característicos que se apresentam em sua execução. *Só um instructor capaz de demonstrar na sella a exequibilidade de suas exigencias possuirá a confiança incondicional de seus discipulos.* Um instructor de remontas deverá ter em pessoa preparado cavallos novos e saber empregar os processos de adextramento.

Cada lição deve obedecer a uma divisão de tempo previamente planejada, de accordo com o gráo de adiantamento. Da mesma forma que nos outros ramos da instrução, na equitação as lições devem succeder-se methodicamente do facil para o difficil. Viuitas vezes, mórmente quando a instrução está adiantada, não será possivel fazer em uma só aula todos os exercicios correspondentes ao gráo de adeantamento, sob pena de precipitação. Elles devem então ser repartidos por diversos dias. Si apparecerem difficuldades inesperadas no adextramento, o instructor muitas vezes terá que se afastar do programma imaginado.

E' imprescindivel um ensino radical, por isso lentamente progressivo. Seria, porem, errado não passar adeante enquanto as lições dadas não forem executadas com absoluta perfeição. Deve-se levar em conta que as lições posteriores fazem aperfeiçoar as anteriores.

No começo de cada aula é preciso tratar de induzir os cavallos a se conduzirem sem constrangimento. Só depois de conseguido isto, é que se deve fazer recolhê-los. Aos trabalhos com os cavallos recolhidos devem seguir-se andaduras largas. Desrespeitando estes principios resultará facilmente uma tensão defeituosa do cavallo no trabalho recolhido.

Nas aulas subseqüentes a dias de descanso é recommendavel começar o trabalho em andaduras livres, redeas longas, ás vezes galope em cadencia natural.

Uma serie de lições difficeis e as reprises prolongadas determinam a inflexibilidade do cavalleiro e levam-n'o a contrahir se; no cavallo resulta a perda da elasticidade na andadura. Especialmente com os recrutas e as remontas impõem-se as reprises curtas, mandar frequentemente á vontade e apear, afim de poupar a energia do cavalleiro e do cavallo. No final da aula é preciso suspender a tempo os trabalhos muito forçados. Além disso, convem fazer sempre em seguida a taes lições uma reprise ao passo, dando plena liberdade de redea ao cavallo. Isto é vantajoso para poupar o cavallo e para o seu adextramento. Taes pausas de descanso tambem são uteis como recompensa para o cavallo, quando elle tiver apresentado progresso relativamente ao resultado anterior.

Nas pausas deve cessar todo o trabalho, para que de facto sirvam á restauração do cavallo. Em particular é preciso combater a tendencia de certos cavalleiros, que querem dar posição ao pescoço do cavallo só com as mãos. O resultado será o pescoço contrahido.

Não se deve manter nas andaduras mais livres a posição recolhida do pescoço do cavallo, que resulta naturalmente nas andaduras mais curtas. Principalmente na passagem desta para aquella não se deve impedir a tendencia do cavallo de alongar o pescoço como consequencia da maior força impulsiva a dispendir, de onde resulta o deslocamento do centro de gravidade para a frente. E' tambem recommendavel que, em qualquer cadencia, de quando em quando se cedam um pouco

as redeas ao cavallo para verificar se elle se acha na postura propria para o trabalho.

O ensino tem logar parte individualmente, parte em escola. Cada cavalleiro deve ter occasião, em todas as aulas, de trabalhar individualmente seu cavallo. Só assim se obterá um adextramento radical e adequado á indole do cavallo. Mesmo o recruta terá ahi melhor occasião de aprender a dominar seu cavallo e conseguir sua bõa postura. A inspecção do trabalho individual, mórmente executando todos os cavalleiros trabalhos á sua escolha, não é facil para um instructor inexperiente, e demanda grande attenção. E' preciso reagir contra a tendencia dos cavalleiros de empregarem sobretudo as andaduras curtas, sem flexionamento, e só applicarem as lições mais commodas, que pouco aproveitam ao adextramento.

Si bem que o trabalho individual tenha o seu alto valor e deva ter logar diariamente, é preciso igualmente applicar o trabalho em escola, como precioso meio de instrucção que é. O trabalho individual feito immediatamente após o trabalho em escola, proporciona a melhor prova sobre si os cavalleiros ahi trabalharam acertadamente ou erradamente. Esclarecendo isto desde logo á escola, muito lucrará o trabalho individual.

A rigorosa observação das distancias e da cadencia commandada obriga o cavalleiro, no trabalho em escola, a actuar permanentemente sobre o cavallo, habituando-o a obedecer ás ajudas. Certas lições são mesmo mais facéis de ensinar em escola do que no trabalho individual. Finalmente, o trabalho em escola prepara o homem e o cavallo para o seu emprego na fileira.

O trabalho em escola só é proveitoso desde que todos os cavalleiros observem a mesma distancia e sigam exactamente as figuras da pista. A conservação das distancias se obterá naturalmente quando os cavalleiros observarem a cadencia, mas, mesmo no começo, quando a perfeita cadencia não pode ser observada em toda a escola, não se deve tolerar afastamentos que perturbem o trabalho dos cavalleiros seguintes. Corrigem-se as distancias na passagem dos cantos, penetrando ou cortando mais ou menos consideravelmente.

As distancias perfeitas são uma prova não só da disciplina da escola, mas tambem do seu adeantamento na instrucção de equitação e devem ser exigidas rigorosamente.

E' preciso evitar a todo transe o emprego das mesmas lições sempre no mesmo ponto da pista e na mesma successão. Do contrario os cavallos executarão taes exercicios apenas por habito, não por obediencia; nem os cavalleiros sentirão necessidade de applicar exactamente as ajudas.

Um processo de instrucção animada, variada, livre de qualquer schema cria discipulos attentos, cheios de iniciativa e de gosto, condição imprescindivel ao bom exito do ensino.

Antes do começo da aula é preciso examinarmeticulosamente o traje dos cavalleiros, o aspecto e a limpeza dos cavallos bem como o ajustamento do freio e do arreio.

Durante a aula o instructor deve collocar-se em pontos taes que lhe permittam ver ao mesmo tempo a maior parte da escola; no picadeiro fechado será em geral perto dum lado pequeno, no exterior, ás vezes fóra do quadrilatero demarcado ou designado para o trabalho. A mudança de mão por todo o picadeiro, os trabalhos commandados

a partir da testa devem ser dirigidos sobre o instructor. Para examinar o trabalho em linha recta convem uma posição em seu prolongamento. Sem perder de vista o conjunto, o instructor examina cada cavallo e cavalleiro á medida que passam por elle e ordena a correcção individual necessaria, e só attenderá a outro discipulo depois de executada tal correcção.

Além das correcções individuaes tambem tem logar o ensino theorico a toda escola, em geral para lembrar os erros mais frequentes em determinados casos e assim prevenir a sua reproducção.

Todas as explicações, mórmente aos recrutas, devem ser adequadas á capacidade intellectual dos homens. As expressões estrangeiras inevitaveis devem ser explicadas. Durante o trabalho propriamente só tem cabimento as indicações abreviadas, summarias. As explicações mais demoradas devem ser reservadas para as aulas de ensino theorico, o qual ás vezes pode ter logar no picadeiro em presenca de um cavallo ensilhado e enfrenado. Si por excepção for necessaria alguma longa explicação na aula de equitação, o instructor mandará alt., ou reunirá seus discipulos em torno de si, se quizer a pé.

Os cavalleiros e cavallos que não conseguirem o resultado desejado precisarão receber instrucção especial, além da da escola.

O instructor deve guardar sempre sua calma e não se esquecer de que o commando em voz excessivamente alta e o falar muito, embotam a attenção dos homens. Algum resultado pouco satisfactorio em geral é devido á falta de saber ou de poder. Com os discipulos desanimados ou desattentos procurar-se-á despertar o amor proprio antes de recorrer ao castigo. Com louvor e mantendo satisfacção se obtem muito mais do que pela censura.

O emprego da artilharia de campanha

Reduzido ás noções para todos

"O emprego de toda a artilharia de campanha, leve e pesada, no combate transformou-se desde a adopção dos escudos e da preponderancia das posições cobertas."

"O tiro de posição coberta augmentou de importancia com o aperfeiçoamento dos instrumentos respectivos."

IV. A artilharia em ligação. (2)

"O emprego de toda a artilharia de campanha, leve e pesada, no combate transformou-se desde a adopção dos escudos e da preponderancia das posições cobertas. A missão principal da artilharia continua a ser o apoio á infantaria. Esse apoio ella pode prestal-o mediatemente isto é, por via indirecta, contrabutando a artilharia inimiga, alliviando pois a infantaria de seus effeitos, ou directamente batendo a infantaria inimiga. Mas, sob o fogo imperturbado da artilharia inimiga, a infantaria não pôde progredir por isso é absolutamente necessario procurar abater a artilharia inimiga para assim desimpidir o caminho á infantaria para o ataque. Entretanto não é possível, como antigamente, que a artilha-

(1) Nota do autor: Projecto de uma conferencia que deverá ter sido realisada na Escola do Estado-Maior em Dezembro de 19 5, a convite do Sr. Coronel F. Alcino B. Cavalcanti

(2) Os trechos entre aspas são extrahidos do Guia para o ensino da Tactica, adoptado nas escolas militares allemãs.

ria procure desempenhar essa missão em duello singular com a artilharia adversaria, enquanto a infantaria aguarda o resultado desse combate preliminar, antes de iniciar o seu ataque. E' difficil aniquilar completamente as baterias inimigas, de escudos e cobertas.

Haveria o perigo do desperdicio de munição. E' difficil reconhecer o effeito obtido: a diminuição ou cessação do fogo inimigo absolutamente não é prova segura de seu aniquilamento.

Não obstante não se desistirá de procurar primeiramente a lucta decisiva com a artilharia inimiga e empenhar n'isso as forças necessarias. A artilharia inimiga nem sempre estará toda ella desenhada ás vistas.

Ella ha de vêr-se em face de missões de combate que não possam ser cumpridas de posição coberta. E das baterias cobertas ha de se descobrir um ou outro indicio, que dará referencia sobre a situação da artilharia restante.

Esses indicios serão: cavallos ou cavalleiros observados na occupação da posição, pô levantado na occupação ou pelo tiro, observatorios, participações de procedencia aerea ou de observadores auxiliares, etc.

E reconhecida approximadamente a posição da artilharia, está dada a possibilidade de reduzir-a ao silencio.

Tambem a construcção da munição e os processos de tiro evoluíram, melhorando os recursos da artilharia para o combate contra baterias cobertas. Presta-se a esse fim a granada de tempo do canhão de campanha, bem como a do obuz leve ou seu projectil-unico (3) e tambem a granada do obuz pesado que pôde ser empregada em tiro progressivo entre limites estreitos e cuja efficacia pôde ser destruidora.

Portanto, sempre que fôr possivel contrabater as baterias inimigas, seja porque se reconheçam directamente ou porque se obtenham dados para o tiro progressivo entre limites razoaveis, ha de se estabelecer a todo transe a lucta com ellas, empenhando tantas baterias quantas forem necessarias para assegurar o exito. Contra as demais baterias inimigas, totalmente cobertas, que apenas denunciem a sua presença pelo trôar de suas bocas e pelos projectis que lançam, é preciso contentar-se em cobri-las com o tiro progressivo de schrapnell dos canhões, entre taes limites que garantam a perturbação de sua actividade, difficultem seu renunciamiento e não as deixem bater á vontade a nossa infantaria.

Em taes casos o melhor será bater os observatorios.

Por mais cobertas que estejam as baterias inimigas, seus observatorios hão de estar em pontos de onde vejam, portanto susceptiveis de serem descobertos.

Assim se apoia a infantaria indirectamente. Para este combate deve-se empenhar o sufficiente numero de peças, logo que esteja preciso o objectivo e bastante esclarecida a situação. Mas é necessario evitar o lançamento prematuro da massa da artilharia. Especialmente ao começar o combate, raro será que a situação esteja bem clara, nem as intenções do commando estarão assentadas a tal ponto que se justifique lançar desde logo toda a artilharia. Ao contrario, é recommendavel não empenhar no inicio do combate senão a artilharia necessaria para o objectivo

presente. Não ha que receiar desvantagem caso o inimigo se mostre superior, pois a artilharia coberta não pôde rapidamente ser reduzida ao silencio, mesmo por inimigo superior. No decorrer variavel do combate apresentam-se novas missões á artilharia, ou novos objectivos, ou baterias inimigas agindo de surpresa, ou a necessidade de apoiar a infantaria mais effcazmente num ou noutro ponto.

E seria muito desfavoravel si para attender a esses casos fosse mister fazer mudar de objectivo a uma bateria já em acção, ou proceder a nova repartição de objectivos, contra novas baterias inimigas, que entrementes tranquilamente prepararam seu tiro.

Por outro lado, retirar da acção baterias já empenhadas, mórmente descobertas, para empregal-as alhures, é operação difficilima, que custa sempre baixas.

Assim as partes da artilharia dispensaveis no principio devem ficar *em espreita* — em posição, orientadas, promptas para romper fogo — ou *em espera* — armões engatados, promptas para occuparem qualquer posição. Em grandes proporções tambem poderão ficar em reserva.

Em particular é recommendavel não empregar desde logo os obuzes leves e pesados como as baterias de canhões, mas pôl-os em acção em taes posições que possam agir effcazmente no combate de artilharia.

Sempre, porém, é preciso fugir ao erro de empenhar a artilharia no combate por pequenas doses, lutando sempre em inferioridade contra numero superior.

Logo que começa o ataque decisivo da infantaria, é preciso empenhar contra a infantaria inimiga toda a artilharia de qualquer forma dispensavel e capaz de agir. E' um principio tornar quanto antes toda a artilharia disponivel para esta lucta. Si toda ella ficar nas mesmas posições que tinha até então, não poderá reconhecer, durante as variações do combate de infantaria, onde é que esta precisa de apoio urgente.

Uma parte da artilharia tem que avançar. E' imprescindivel a cuidadosa *ligação de combate* entre a infantaria e a artilharia. A victoria depende principalmente da cooperação methodica das duas armas; ellas não combatem hoje em dia successivamente, mas conjuntamente. Uma das mais importantes e mais difficeis missões no combate é manter constantemente harmonica a actividade das duas armas irmãs.

Com esse fim recebe a artilharia, ao iniciar o combate, sua missão precisa; e no decorrer da lucta o commandante de divisão deve se manter constantemente em estreita ligação com o da artilharia. Além disso os sub-commandantes da infantaria (Br., R.) devem estabelecer intima ligação com o commandante da artilharia em acção no mesmo sector de combate; muitas vezes será expressamente ordenada a subordinação.

Desde que o artilheiro esteja sciente dos objectivos de ataque da infantaria, sabendo pois o que é que principalmente a esta importa, *contra que* é que ella deseja o effeito da artilharia, elle poderá apoiar-a effcazmente em todas as situações. E' este, em sua expressão mais simples, o principio geral da tactica, chamado da *ligação das armas*.

A este respeito cabe aqui reproduzir as palavras do general von Richter: "A artilharia ha de adaptar sua actividade integral á conducta da

(3) Nós não temos nem este nem aquelle.

arma irmã, a infantaria: ha de procurar o successo na cooperação, solidaria no tempo e no espaço. E' preciso que as armas correlatas tenham mutuo conhecimento, a ponto de lhes ser familiar em que consista o apoio reciproco, em que situações e como se possa promovê-lo, finalmente, como se possa da actividade da arma irmã tirar o maximo partido para a sua propria." E estas do capitão Culmann: "A acção coooperante das armas é indispensavel, mas ella não é espontanea: em lugar de avançar quando a artilharia age, o infante tem, ao contrario, uma accentuada tendencia de ficar assistindo á luta, a vêr si a actividade de seu camarada que atira de longe e coberto não bastará para alcançá-lo o resultado que para elle, atirando de perto e descoberto, custaria tantos sacrificios." "A acção concordante das armas, é pois, *como todas as coisas na guerra*, o resultado de um esforço, o fructo dum trabalho." Para que se obtenha cooperação das armas, a ligação, não basta inscrever este principio nos regulamentos, ensinalo nas escolas e trabalhos tacticos dos officiaes na tropa, emfim sabel-o de cór: é necessario pratical-o. Sem esta pratica, sem taes exercicios, impossivel será ao commando tirar todo o partido das diversas armas combatentes por mais bem apparelhadas que sejam. Não se pôde dizer: "por mais bem instruidas que sejam" porque sem estar exercitada na applicação do principio da ligação a tropa não estará instruida. Com effeito, o nosso R. E. I. diz em seu n. 15, grilhado: *A tropa estará bem instruida quando soubêr fazer tudo que a guerra exige...* Ora a ligação, a cooperação das armas, é uma exigencia inilludivel da guerra. E só se aprenderá bem o que se praticar muito. E' o velho aphorisma: "Só o uso faz o mestre, por outra, o mestre só se faz pelo exercicio e — **apezar de todos os pezares** todo exercicio que entende com a instrucção da tropa, só na tropa se o pôde fazer.

1º Tenente *Bertholdo Klingler.*

Escola de Ferradores militares

Do Relatorio do Grupo provisorio de Obuzeiros no anno de 1914. (Publicação autorisada pelo Sr. major J. F. Leite de Castro.)

Uma das dependencias que necessita de um cuidado especial é a ferraria. De um bom e perfeito serviço de ferrador depende quasi que principalmente a boa conservação dos animaes. Infelizmente até hoje não temos uma só escola de onde possamos receber os mestres ferradores, aptos a criarem nos corpos os aprendizes auxiliares, e essa falta traz difficuldades, ás vezes bem serias, para o bom trato dos cavallos.

Somos forçados a nos utilizar de homens curiosos, cheios de boa vontade e

que quando começam a se aperfeiçoar no serviço terminam o seu tempo de praça e são logo engajados pelos civis que os pagam em muito melhores condições que o Exercito.

Seria uma medida de grande alcance para os corpos montados que as nossas altas autoridades preenchessem de um modo efficaz essa lacuna, o que é coisa aliás demasiado facil.

Achando-se em serviço nos corpos montados uma missão militar de veterinarios francezes, como um additivo aos trabalhos que lhe foram impostos, poderia ella aqui organizar uma pequena escola de ferradores, com 2 ou 3 sargentos ferradores do seu Exercito.

E' ocioso accrescentar que por melhores que sejam os ensinamentos colhidos dessa missão pelos nossos veterinarios, nunca os animaes do regimento estarão convenientemente conservados, sem que se organise um perfeito serviço de ferraria.

E se ao Governo no momento actual faltarem os credits precisos para a vinda desses 2 ou 3 sargentos, poderiam os corpos interessados satisfazer as necessarias despezas com os recursos de seus cofres, que supportariam juntos os pagamentos mensaes desses ferradores em importancia, estou certo, inferior á que despendemos actualmente com os officiaes veterinarios.

Aqui fica a idéa que as altas autoridades tomarão na consideração que entenderem.

N. da R. — Registrando a feliz solução proposta pelo Sr. Major Leite de Castro para um dos problemas mais importantes para as armas montadas, lamentamos ter-se deixado passar a boa oportunidade de se pôr em pratica tão util idéa. Já em 1864 o professor de equitação Luiz Jacome em seu «Livro do ferrador» apontava os graves erros do nosso systema de ferrar e propunha um processo seu, perfeitamente racional. Apezar da propaganda feita então, os progressos até os dias de hoje foram mui pequenos e devidos quasi a esforços individuaes. As palavras do velho mestre não tiveram a repercussão que era de desejar.

E' tempo agora de se encarar o problema de frente. E se os veterinarios francezes já não mais se acham entre nós, procuremos a solução com os recursos de casa. Existem em alguns regimentos habéis ferradores contractados. Entreguemol-os a uma commissão veterinaria, encarregada de systematisar e difundir o ensino na tropa. E assim abriremos o caminho para a Escola de Ferradores.

Questões á margem

Das «Cartas» de Griepenkerl

(Continuação)

XXXVII. Reunião para a marcha.

Decima segunda carta, paginas 181 e 182 R. S. C. 336 e 337. Dizem esses artigos:

336. A grandesa das unidades, a area de estacionamento e as considerações tacticas, são o que decide da *fôrma da reunião*.

Todas as fracções de tropa são reunidas na direcção da marcha a effectuar; evitar as voltas, jamais partir antes do que fôr necessario.

Em geral, não é conveniente reunir grandes massas antes de iniciar a marcha. Entretanto a incerteza da situação e outras considerações podem obrigar a isso.

Si fôr marcado um ponto inicial de marcha, o melhor é fazer partir as unidades de modo que ahi cheguem successivamente, sem que nenhuma tenha que esperar lá inutilmente.

Na maioria dos casos o preferivel é constituir a columna de marcha *enfia*do os seus diversos elementos — vanguarda, partes do grosso, conforme seu estacionamento — na estrada de marcha.

A reunião prévia de agrupamentos dá lugar a voltas e delongas, pelo que deve-se quanto possivel evital-a.

Si as tropas se achavam reunidas em grandes unidades no estacionamento, então as diversas fracções, na partida dessa reunião, ficam em repouso até que chegue o momento de se enfiarem na columna de marcha.

337. Nas reuniões e nas marchas as bagagens, as columnas de munições e os trens não devem embarçar os movimentos da tropa.

XXXVIII. Patrulhas de official, de infantaria e de artilharia.

Decima terceira carta, pagina 195, 8.^a linha: «Patrulhas de official, de infantaria e de artilharia, completam a exploração da cavallaria, sem que seja preciso ordem especial nesse sentido. (R. S. C. 148, 154 e 363).»

Vêr «O esclarecimento na infantaria» do general v. Bernhardi, traducção 1.^o tenente Souza Reis, ns. 12 e 13 d'A *Defeza Nacional*; e «Patrulhas de Artilharia» idem, n. 4, pag. 112; tambem «O esclarecimento na artilharia» n. 7, pag. 214.

Diz o R. S. C. allemão.

148. Onde o fogo inimigo ou as condições do terreno limitarem a actividade da cavallaria, passa ao primeiro plano o esclarecimento pelas *patrulhas de infantaria*. Cabe a taes patrulhas, por exemplo, descobrir onde se acha o inimigo e qual sua attitude, descobrir caminhos de aproximação cobertos, posições avançadas etc., proteger officiaes superiores em reconhecimento, repellir patrulhas inimigas, reconhecer posições de fogo e pontos de apoio para o ataque.

A habilidade de se deslocar para a frente com pres- teza em terreno desconhecido, a presença de espirito e o animo emprehendedor são as principaes qualidades que capacitam para esse serviço.

Muitas vezes será necessario designar officiaes para commandar taes patrulhas (*patrulhas de officiaes de infantaria*.)

154. Na artilharia de campanha o reconhecimento do inimigo e das posições de fogo constitue uma parte essencial das funções do commando. Ao mesmo fim servem as patrulhas, que em regra são confiadas a officiaes (*patrulhas de officiaes de artilharia*). Muitas vezes convem expedil-as com a cavallaria.

Objecto da patrulha de official de artilharia. A patrulha de official de artilharia (para missões mais faceis, patrulhas de sargento) tem por missão descobrir o que é necessario saber para que a artilharia possa agir contra o inimigo.

Em seu reconhecimento ella deve procurar descobrir:

na artilharia, os extremos da linha ou dos diversos grupamentos, a especie das peças (cannhões ou obuzes), os observatorios, a situação das viaturas-munições;

nas linhas de atiradores, sua frente, a presença e situação de metralhadoras e a dos reforços;

nos objectivos cobertos (desenfiados á vista), sua distancia á crista de cobertura ou á mascara, ou sua situação em relação a pontos faceis de descobrir da posição de fogo, a natureza e acci- dentes do sólo aquem, além e ao lado da posição, tanto quanto possam dar uma referencia para os limites do fogo progressivo;

nas fortificações de campanha, sua especie e frente e, se existem e onde, peças ou metralhadoras para flanqueamento; é importante descobrir obras simuladas;

no terreno á frente de uma posição defensiva inimiga, posições e observatorios para as baterias que hão de acompanhar o ataque da infantaria, bem como os respectivos caminhos de accesso.

XXXIX. Rompimento do fogo pela artilharia.

Decima terceira carta, pagina 198, linha 14.^a: «Todas as tres baterias começando a atirar simultaneamente (R. A. 486 e 487) contra a posição inimiga, logo attrahirão o fogo da bateria inimiga mesmo que, de conformidade com o art. 504 do R. A. ellas se estabeleçam em posição coberta.»

Dizem esses artigos do R. E. A. no capitulo «Ataque a um inimigo desenvolvido para a defesa.»

486. O commandante da artilharia toma suas medidas, de modo que possa com a massa de suas baterias romper o fogo quanto possivel simultanea e subitamente.

487. A artilharia começa a luta logo que esteja prompta. Assim ella facilita o progredir da infantaria e contribue para esclarecer a situação do inimigo.

Este artigo consta do nosso R. E. I (art. 399). E' preciso interpretal-o de ac-

côrdo com o primeiro § do art. 397 desse mesmo R.

O art. 504 do R. E. A. é do capitulo «Defesa». Diz elle:

A installação coberta muitas vezes apresentará vantagens; della pode-se hostilizar o inimigo durante a approximação e no começo do desenvolvimento, sem desmascarar prematuramente as proprias posições nem denunciar o effectivo da artilharia.

Ella facilita a realisação do combate contra artilharia superior em numero e favorece deslocamentos lateraes no campo de combate.

Por outro lado a necessidade de cobrir de fogo efficaz, desde o inicio, os objectivos moveis do ataque de infantaria, exige que se abandone em tempo a posição coberta. Não se podendo contar seguramente que isso seja exequivel durante a acção, será necessario designar, desde o começo, uma fracção sufficiente da artilharia para combater a infantaria.

XL. Lançamento da artilharia.

Decima terceira carta, pag. 198, meio: «A occupação da posição e a abertura do fogo só serão executadas mediante ordem expressa do commandante do destacamento, (R. E. A. 368 e 382, R. E. I. 292).»

O primeiro e o ultimo desses artigos têm o mesmo texto, que é o do art. 320 do nosso R. E. I.

Diz o R. E. A. allemão em seu art. 382.

Logo que o commandante da artilharia tenha recebido do chefe as ordens immediatamente necessarias para o emprego e actividade da arma, elle assume o commando de sua tropa ou da maior fracção que, pela distribuição das forças, ficar reunida. Mantém comtudo ligação permanente com o chefe para trazer-o ao corrente da acção da arma e ser elle mesmo instruido sobre a marcha do combate, mesmo das unidades de tropas visinhas.

XLI. Vantagens e inconvenientes das posições cobertas e descobertas.

Decima terceira carta, pagina 199, fim: «... Sobre as vantagens e desvantagens dessas diversas posições encontram-se detalhes no R. E. A. 367 (lêr tambem o art. 144).»

Dizem esses artigos.

367. Posições descobertas permitem a pontaria directa, portanto rapido rompimento do fogo e prompta mudança de objectivo e facilitam o combate a objectivos em movimento.

Posições cobertas difficultam ao inimigo achar o objectivo e são um meio de illudir-o respeito á força da artilharia e ás intenções do commando; facilitam o remuniamento e as mudanças de posição e podem conservar á artilharia sua força para o momento decisivo. Em certas circumstancias facilitam a intervenção de surpresa.

O tiro de posições cobertas precisa de cuidadosa preparação, que só se pôde effectuar com tempo e só promette exito quando existem observatorios que assegurem a direcção do fogo.

A natureza do terreno e a abertura do espaço podem influir, por força, na escolha da posição de artilharia; sempre porém exigir-se-á que a posição escolhida corresponda ao objectivo de combate.

144. (E' o art. 147 da edição de 1914, contendo as modificações 1 a 209).

Nas posições descobertas e sendo os objectivos facéis de vêr e de designar, cada peça aponta individualmente sobre a parte que lhe toca do objectivo. Identicamente para objectivos em movimento.

Nos objectivos difficeis de designar ou mal visiveis a pontaria em direcção é tomada collectivamente sobre um ponto a designar no commando.

Como *ponto de pontaria* collectiva escolhe-se um objecto dentro ou fóra da frente do objectivo ou um ponto unico bem visivel do proprio objectivo.

Não havendo um ponto de pontaria apropriado e se o tempo o permittir a primeira direcção pôde ser dada por meio da luneta de bateria.

Em posições cobertas estabelece-se a primeira direcção:

em regra pela luneta de bateria;

ou por uma peça-base;

ou por um ponto de pontaria collectiva.

A peça-base pôde ser apontada ou empregando-se a luneta na haste de alongamento, ou pela maça de mira do canhão ou por uma linha préviamente demarcada.

XLII. Lugar dos armões.

Decima terceira carta, pagina 200, linha 11^a: a contar do fim: «Quanto á collocação dos armões. R. E. A. 442 a 452.»

Os artigos que interessam ao caso são:

443. Em regra mandam-se os armões á retaguarda, a se abrigar.

Préviamente tira-se parte da munição dos armões das peças, ou toda ella; os armões das viaturas-munições esvasiam-se sempre na linha de fogo. Em posições que provavelmente só serão occupadas por pouco tempo, pôdem os armões ficar proximos ás peças. Nesse caso as v. m. não entram na linha de fogo; tira-se então a munição dos armões das peças, que se remuniciam ao mais breve.

444. Tirados os armões prepara-se na visinhança da linha de fogo um posto de signaleiros, desenhado ás vistas inimigas.

445. O commandante da linha dos armões providencia para manter a ligação constante entre a linha de fogo e os armões, mesmo em condições difficeis do combate e do terreno.

446. Os armões das v. m., sendo possivel, são collocados junto aos das peças. O terreno pôde exigir separação entre esses dois grupos. E' preciso procurar o desenhamento á vista. E' preciso, quando possivel, subtrahir os armões ao fogo directo. Coberturas que tambem protejam contra os tiros permitem a disposição cerrada das viaturas. Todavia é sempre preciso dispôr os armões de modo que possam chegar aos retro-trens sem cruzamentos.

447. Installados os armões o chefe d'elles assume o serviço de communicação com a linha de fogo, por signaleiros. Elle faz melhorar os caminhos para a posição de fogo se fôr preciso, e

completar a munição dos armões das peças e mais tarde a dos armões das v. m. Dirige mais o supprimento da bateria em homens, animais e material accessorio.

Precisa manter-se ao par da munição disponível na linha de fogo e na respectiva c. l. m.

Providencia sobre o esclarecimento no flanco exposto.

XLIII. Papel da artilharia no ataque.

Decima terceira carta, pag. 203, § 4: «... O commandante da artilharia deve estar sciente do objectivo do ataque principal, afim de poder devidamente preparal-o pelo fogo. (R. E. I. 329 e R. E. A. 470).»

O primeiro desses artigos é o 357 do nosso R. E. I. Diz o R. E. A. allemão, 470:

Recebendo o commandante da artilharia o aviso do chefe sobre o ponto decisivo do ataque, ou reconhecendo-o por si, ordenará a concentração do fogo sobre elle, si possivel de posições convergentes. Ao mais tardar será essa a occasião de empregar as fracções reservadas.

E' necessario mudar de posição quando não se pudér da mesma bater efficazmente o ponto de ataque, ou quando se torne tão difficil distinguir amigos e inimigos ou observar os tiros, que se deva receiar attingir a tropa amiga.

XLIV. Pessoal de saude e posto principal de soccorro.

Decima terceira carta, pagina 206, fim: «... logo que comece a crescer o numero de feridos e os medicos, sargentos de saúde e padioleiros da tropa não sejam mais sufficientes (R. S. C. 478). Sómente se procede ao estabelecimento do posto principal de soccorro.... (R. S. C. 485 a 489).»

Dizem esses artigos.

478. Cada unidade de tropa tem seu pessoal de saude, (officiaes e praças).

Para o serviço de transporte de feridos cada batalhão dispõe de 16 padioleiros. Nas outras armas instruem-se homens para auxiliares de padioleiros. Como taes tambem devem ser aproveitados os musicos e aprendizes de musica da infantaria, artilharia a pé, sapadores e tropas de comunicações. Em caso de falta de pessoal proprio, esses auxiliares são aproveitados no serviço de saúde; em combate seu emprego como padioleiros depende de ordem.

Serviço no combate e depois d'elle.

485. O pessoal de saude tem que proceder á remoção dos feridos da linha de fogo, por todos os meios.

486. No combate cada unidade de tropa, logo que soffra baixas, estabelece o seu posto de soccorro, (servindo-se da sua viatura ambulancia ou das canastras medicas) onde ficam os medicos e praças de saúde, previamente designados. Póde haver vantagem em estabelecer desde logo diversos postos de soccorro reunidos.

Os padioleiros da infantaria, quando está imminente um combate, reúnem-se junto á viatura ambulancia.

Elles deixam seu equipamento no posto de soccorro e avançam com as padiolas e mochilas sanitarias. Os padioleiros auxiliares recebem um braçal vermelho no braço esquerdo e são empregados como os padioleiros.

487. O posto de soccorro deve ser desenhado ás vistas e quanto possivel tambem aos fogos, pelo menos de fuzil, ficando entretanto tão perto da linha de combate quanto possivel e devendo ter facil accesso. E' altamente conveniente que haja agua na visinhança.

488. A ordem para entrar em acção a *companhia de saúde* é dada pelo commandante da tropa a quem ella está subordinada...

A Companhia de Saúde organisa o *posto principal de soccorro*, destinado a prestar o auxilio medico em melhores condições do que os postos de soccorro, e promove a remoção dos feridos para os hospitaes de campanha.

XLV. Ordens de desdobramento e de desenvolvimento.

Decima terceira carta, pag. 210, fim: «Logo que o I. e III. tivessem tomado a sua posição inicial, o major ordenaria: ...»

No art. 343 do nosso R. E. I., pagina 126 está definido o que é desdobramento — a que os hespanhões e hispano-americanos chamam expressivamente: ramificação — e o que é desenvolvimento.

Damos os seguintes typos de ordens verbaes, extrahidas do já por vezes citado Manual de Lehnert.

1. Desdobramento de um batalhão.

Desdobramento com a frente para a torre da egreja de A. (mostrando) 1ª companhia direcção á torre, 2ª companhia 100 m. á esquerda da 1ª.

3ª e 4ª em segunda linha, escalonadas á esquerda.»

2. Desenvolvimento de um batalhão para o ataque, apoiado nas duas alas.

«Infantaria inimiga na elevação em frente. (1) O Regimento ataca.

Base o II. Frente de desenvolvimento 300 m.; sector de combate: do grupo de arvores á direita até ao areal branco á esquerda.

Companhias 5ª, 6ª e 7ª na primeira linha, cada uma 100 m. de frente.

A 8ª, em segunda linha, segue atraz do centro.»

3. Desenvolvimento de um batalhão para a defesa, apoiado á direita, á esquerda não.

«Infantaria inimiga avança. (2)

O Regimento occupa esta altura.

O III na ala esquerda.

Companhias 9ª, 10ª e 11ª preparam-se em primeira linha, desenhadas ás vistas, atraz desta altura.

A 9ª desenvolve-se desde a estrada á direita até ao areal, a 10ª dahi ao grupo de arvores, a 11ª deste até á cruz.

A 12ª atraz da ala esquerda, á minha disposição. Preparativos para a fortificação.

Guarnecer e romper fogo á minha ordem.

Acho-me junto á 10ª.

4. Desdobramento de um regimento.

«Desdobramento com a frente para aquella altura com a arvore isolada.

I direcção a essa arvore, II a 300 m. á direita, III a 300 m. á esquerda do I.»

5. D. desenvolvimento de um regimento para o ataque (apoiado nas duas alas).

«Infantaria inimiga na altura em frente. (1)»

O Regimento ataca.

Base o I, com a frente de desenvolvimento de 300 m. e o sector de combate entre o grupo de arvores e a casa isolada.

II á esquerda do I; frente de desenvolvimento: 300 m.; sector de combate; casa isolada — collina verde clara.

III atraz do centro, á minha disposição.

Acompanho o III.

6. Desdobramento de uma brigada, (seis batalhões) apoiada á esquerda, á direita não.

«Desdobramento com a frente para a orla do matto, á direita.

O 1º R. I. desdobra-se deslocando as testas dos batalhões, o do centro em direcção á parte mais alta do matto.

O 2º R. I. segue escalonado á direita.»

7. Desenvolvimento de uma brigada para o ataque (enquadrada).

«Infantaria inimiga na altura em frente.

A brigada ataca.

1º R. I. frente de desenvolvimento, 500 m.; sector de combate: saliente do matto até ao moinho.

2º R. I. frente de desenvolvimento, 400 m.; sector de combate: moinho — grupo de casas.

Um batalhão do 1º R. I. atraz do centro da brigada, á minha disposição.

Sigo junto a este batalhão.»

(Continúa).

(1 e 3) A cerca de 2000 m. de distancia.

(2) A cerca de 3000 m. de distancia.

CROQUIS DE TIRO

O ultimo numero d'A *Defeza Nacional* trouxe uns interessantes *croquis* e uma proveitosa critica sobre os themas desenvolvidos como provas de *exames de grupo*, no 1º Regimento de Artilharia.

Folgamos de saber que tão significativos attestados de instrucção da tropa se realisaram no terreno com muito verosimilhança e foram contemplados nas provas finais dos exames regulamentares, os quaes, em ascensão gradual, subiram no anno findo alem da bateria.

Embora não tivéssemos assistido a tão uteis e interessantes provas, somos levados a imaginal-as cheias de lacunas. E' o que a critica instructiva nos revela através do resumo d'A *Defeza Nacional*.

Seria vã pretensão, aliás, querer suppor o contrario e, francamente, não teriam graça alguma si, realisadas pela vez primeira, ellas se ostentassem logo impecca-veis e capazes de *provocar inveja á propria Allemanha*.

O feliz exito desses themas depende muito de um bom serviço de ligação e,

entre nós, esta parte da instrucção ainda não se desenvolveu devidamente.

Está visto que um bem organizado serviço de reconhecimento e uma criteriosa escolha de posições para a artilharia, e bem assim uma sensata distribuição das baterias em face da missão apontada ao grupo, de accordo com os objectivos que se lhe offerecem no combate, devem constituir para os maiores o objecto de demoradas cogitações. E não deixaremos de incluir tambem aqui o importantissimo problema do remuniciamento.

Emquanto, porém, não cultivarmos meticulosamente o serviço de ligação dos diversos commandantes de artilharia com as diferentes unidades, a cooperação desta com as outras armas ficará sempre a de-sejar.

E, como se sabe, a solução da questão no terreno é difficilima, sobretudo si se opera em zona accidentada, coberta de mattas ou de vegetação cerrada.

O problema da ligação dos capitães com as respectivas baterias si não satisfaz cabalmente, já permite, em todo o caso, uma relativa facilidade de manejo.

Convencionados entre os capitães e seus subalternos uns tantos gestos e commandos, e conhecedores como todos devem ser do regulamento de tiro, poderão as baterias desempenhar sua missão quasi automaticamente e, na maior parte das vezes, sem necessidade de conhecerem os objectivos em que atiram.

No que se refere aos signaes, contudo, nós insistimos d'aqui sobre a idéa de prover-se cada posto de signaleiros de uma bandeira-distinctivo, de modo que cada bateria dentro do grupo possúa uma cõr privativa e cada grupo por sua vez, tenha a sua cõr especial.

Mais facilitado ainda ficaria o serviço si as lunetas de bateria possuissem busso-las e cada unidade dispuzesse de duas lunetas.

Não só para a determinação dos elementos de tiro — da *deriva*, principalmente, essa segunda luneta se impõe.

A escolha da posição da bateria e, em consequencia, a rapida abertura do fogo, ficaria assaz simplificada si, ao mesmo tempo que o capitão installasse a luneta no posto de observação, um auxiliar seu procurasse determinar o desenfiamento de accordo com a missão a preencher.

São bem desagradaveis e prejudiciaes,

Temos observado nos nossos exercícios que uma pressa nervosa leva a maior parte das vezes os nossos artilheiros a mal apreciarem o terreno, preferindo á uma aprendizagem methodica a preocupação da abertura rapida do fogo, mal se desengatem os armões.

E' preciso, entretanto, não exagerarmos o valor dessa rapidez, por isso que ella não nos conduziria a resultados praticos apreciaveis, nas condições em que é ella obtida.

Ha uma circumstancia poderosa que impede todo aqodamento nesses reconhecimentos e, por outro lado, fundamenta a exigencia de um *croquis de tiro*: é a invisibilidade do adversario.

"Não se percebendo o inimigo sobre a posição por elle occupada, é preciso nos guiarmos pela apreciação tactica do terreno em que elle opera." (*)

Ha então necessidade de estudar o terreno sob o ponto de vista technico e tactico e registrar-se os pontos provaveis de apparecimento de forças importantes, os lugares de onde se espera vêr surgir a artilharia inimiga, em uma palavra, é preciso organizar um *croquis de tiro* de modo a se poder, em rapidos commandos, effectuar o transporte do feixe das trajetorias de uma ou de todas as baterias ao mesmo tempo para os objectivos momentaneamente mais importantes.

Como realisal-os no terreno?

Si se dispuzer de uma carta da região, a execução do *croquis* ficará naturalmente muito mais facilitada pelo maior rigor dos pontos de amarração.

Procurar-se-á primeiramente comparar o terreno com a carta, orientando-a previamente á bussola ou por meio de dois pontos conhecidos no terreno.

Nesta comparação dever-se-á prestar bastante attenção aos pontos de apoio importantes, taes como localidades, collinas, bosques, rios, estradas, accidentes, emfim, que possam ter uma grande importancia como pontos de reunião de forças, de resistencia, de abrigos ou de escoamento de tropas.

Sob o ponto de vista technico, procurar-se-á prestar attenção ao desenho do relevo do horizonte, escolher nas alturas que o formem, dado que o terreno seja accidentado ou ondulado, pontos de reparo

caracteristicos com o auxilio dos quaes seja facil achar uma altura indicada, distincta de qualquer outra.

Estes pontos de reparo caracteristicos, na falta de nomes correntemente conhecidos, serão baptisados segundo a sua forma geometrica ou segundo os objectos com que se assemelharem ou de accordo com qualquer indicação inconfundivel, sendo alem disso todos numerados.

Estudado o terreno, passar-se-á a execução do *croquis de tiro*, feito á parte, em uma escala maior e mais simplesmente do que as cartas topographicas, afim de permittir a numeração clara de todos os objectos do terreno que possam servir de pontos de reparo e escrever-lhes o nome de baptismo adoptado no reconhecimento.

Si se possuirem outras informações, como p. ex. o lugar exacto de objectivos, a direcção dos tiros, etc., convirá registal-as no *croquis*.

Este executa-se do seguinte modo: (*)

Sobre meia folha de papel apropriado se assignalam, na escala escolhida, as localidades, bosques, rios, estradas, etc. Para não sobrecarregar a carta, as localidades se representam por meio rectangulos, as mattas, por uma linha desenhando o seu contorno.

Transportados para o *croquis* os pontos principaes da carta e orientado aquelle em relação ao terreno, assignala-se o ponto de estação. Em seguida colloca-se sob forma de desenho o contorno do horizonte com todos os seus relevos, tal como este horizonte se nos apresenta em projecção sobre um plano vertical.

Para respeitar a proporção da escala da perspectiva em relação a do plano do horizonte, não se desenha o relevo deste, todo seguido de uma vez, mas por partes visiveis entre os objectos que se acham no terreno, desenhando esta parte visivel do horizonte entre os objectos assignalados no *croquis*.

No desenho do contorno das alturas, procura-se pôr em evidencia os traços sem dar muita importancia aos detalhes.

A representação no *croquis* do relevo do horizonte tem por fim, depois de numerados todos os pontos dominantes que nelle se achem, obter um grande numero de pontos auxiliares de pontaria, na direcção do terreno occupado pelo inimigo.

(*) *Questões de tactica de artilharia*. Novikov.

(*) Este processo se encontra na ob. cit. de Novikov.

como sabemos á saciedade, esses vae-vens das peças a braços para a frente ou para a retaguarda, tanta calma tiram elles aos capitães e tantos reparos merecem dos espectadores...

Deve-se reflectir que o capitão nem sempre disporá de tempo para escolher *in loco* a posição para as suas peças, como, por exemplo, quando o seu observatorio ficar distante da bateria e esta tiver que se collocar atraz de uma mascara que a simples vista não dê certeza do *desencristamento*.

Mas si o problema da ligação dos capitães com as suas baterias não se resente de maiores difficuldades, e tende a ser resolvido comapparelhos portateis, de bolça ou de algibeira, o mesmo não succederá innumeros casos com os capitães em face dos commandantes de grupo os quaes, por sua vez, agem em geral sob a direcção de um commando superior.

O telephone e os signaes, isoladamente ou combinados, prestam, sem duvida, muito bons serviços.

Não existindo, porém, uma doutrina official sobre o emprego tactico da artilharia, muito difficil se torna, sem uma grande perda de tempo e de palavras, assegurar a entrada opportuna da artilharia em acção.

Nós não pediremos alviçaras pela noticia aqui dada de passagem de que, muito breve, os dois estudiosos e competentes auctores do *Regulamento de Tiro de Artilharia* e do respectivo *Complemento* entregarão ás altas auctoridades o projecto de um *Regulamento de Exercicios para a Artilharia*, por isso que, quando sahirem estas linhas, já deverá estar em mãos daquelles chefes o I volume do valioso trabalho.

Emquanto se aguarda, porém, a sancção superior, é indispensavel a troca de idéas entre os maiores e seus officiaes, uma harmonia de vistas entre o grupo e as baterias, de modo a se constituir a base de uma linguagem sobre o serviço de ligação.

Outra difficuldade que accresce ao desempenho tactico é a ausencia quasi absoluta, entre nós, de cartas topographicas mesmo na escala de 1.100.000.

Não existindo quaesquer cartas ou levantamentos, difficil se torna synthetisar em poucas palavras uma situação de combate e quasi impossivel é assinalar com

a devida presteza, os objectivos tacticos ás baterias.

E' certo que o *ponto de orientação* pôde resolver satisfactoriamente a questão, contando-se em millesimos, para a direita ou para a esquerda, o afastamento do objectivo em relação a esse ponto.

Nem sempre, porem dispõe, o terreno de bons pontos de orientação e não raro acontece ficar um ponto escolhido completamente occulto ao capitão de uma bateria, a quem as exigencias do terreno hajam forçado a escolher um observatorio afastado do do commandante.

E' então necessario multiplicar os meios subsidiarios de ligação e entre estes nós fazemos resaltar aqui o valor dos *croquis de tiro*, tão aptos a fazerem claros e concisos os commandos do major e a tornarem quasi intuitivos, ousamol-o dizer, essas determinações, inspiradas no papel tactico da artilharia em cooperação com as outras armas.

Sendo certo que, mesmo nos combates de encontro, é possivel dispor-se de muito tempo, pelo menos o necessario para os reconhecimentos, os commandantes de grupo com os seus auxiliares poderão registrar em folhas apropriadas alguns dados importantes do terreno.

«Seria temerario engajar-se uma lucta decisiva com um adversario sem se estar esclarecido sobre a sua força e posição», diz o coronel Novikov. Embora recebamos com uma certa reserva este criterio por demais *defensivo*, não ha duvida que se não deve iniciar ás cegas uma acção resoluta.

Os reconhecimentos terão de ser fatalmente demorados de lado a lado e para conhecer de uma situação muitas vezes se fará mistér recorrer a reconhecimentos de character offensivo, empregando para esse fim destacamentos especiaes ou tropas de cavallaria com artilharia a cavallo ou, ainda um falso ataque.

Engajadas as primeiras forças, é sob o abrigo destas que os reconhecimentos terão lugar.

Seria exhaustivo si, estrada afóra, fosse necessario effectuar levantamentos, embora expeditos, na previsão de combates.

Desenvolvidas, porém, as vanguardas e lançados mesmo os primeiros elementos do grosso, já terá decorrido o tempo sufficiente para que em alguns traços se resuma o terreno.

Facil será então, utilizando o código numerico, que publicamos no numero 14 desta revista, dirigir por meio de bandeiras ou dos discos de signaes o seguinte commando, p. ex. a uma ou varias baterias: "Transportai o fogo sobre o numero 12."

Teríamos, pelo meio referido, o seguinte despacho: **Código 22406012.**

Si o terreno occupado pelo inimigo é uma planície, o desenho do horizonte perderá a sua significação. Neste caso, procurar-se-á utilizar os objectos do terreno que possam servir de referencia e numerá-los como acima se disse.

O traçado deste *croquis*, dando uma representação clara e simples do terreno, pôde ser executado de um só ponto de estacionamento e em poucos minutos.

Elle poderá mesmo ser organizado sem o auxilio de cartas locais, mediante um trabalho feito ao sentimento.

Parece-nos de toda a conveniencia que com o *croquis* perspectivo, que tão bem precisa os pontos do terreno, se organize ao mesmo tempo um *croquis* planimetrico, assim como o que *A Defeza Nacional* nos offereceu brilhantemente no seu numero passado. E' que é preciso contar-se com a mudança de perspectiva de um para outro ponto de vista, caso que será muito frequente no terreno com o afastamento dos capitães em relação ao observatorio do commandante do grupo.

Outro processo seguido na confecção dos *croquis* é aquelle que assignala os diferentes pontos do terreno segundo um angulo expresso em millesimos, angulo este formado pelas direcções: observador—ponto de referencia, observador—ponto a assignalar.

Para a confecção desses *croquis* usam-se cartões já impressos, nos quaes se collocam os pontos principaes segundo esses angulos, organisando-se á vista um *canevas* de juncto.

Os demais pontos serão collocados á simples vista, e representados por meio de convenções que "falem aos olhos". (*Pratique du tir du Canon* 75. Challéat)

Os cartões trazem, traçadas por pontos, varias linhas verticaes equidistantes. A margem esquerda é numerada «zero» e a direita, 400; as verticaes intermediarias são numeradas de 100 em 100, de 0 a 400.

Por convenção, o afastamento de duas verticaes corresponde ao afastamento de

duas direcções fazendo entre si um angulo de 100 millesimos.

As linhas horizontaes do quadro são em numero de duas, uma, pontilhada, serve para figurar segundo as regiões, quer o extremo horizonte, quer uma linha importante da paisagem (estrada, via ferrea ou rio); a outra linha será muitas vezes o bordo inferior ao quadro.

Nas linhas ponteadas, os pontos são espaçados de uma quantidade representando um afastamento angular de cinco millesimos.

Poucas linhas bastarão para representar o terreno. Quanto á representação dos objectos que "falem aos olhos" é bastante que em poucos traços se os defina, desenhando-se o seu contorno ou uma silhueta convencional.

Innumeros são os processos concebidos para a confecção desses *croquis*, geralmente de caracter perspectivo.

Nosso intuito por esta vez não é descrever-los, mas recommendal-os, apoiados na suggestiva idéa que nos deu *A Defeza Nacional* através da noticia dos recentes exames de grupo.

Seria para desejar que, no corrente anno, se dêsse bastante margem ao emprego destes *croquis*, não apenas para que se facilite o serviço de ligação, mas para que se detenham os nossos officiaes no exame metuculozo do terreno.

"Não se percebendo o inimigo sobre as posições por elle occupadas, é preciso nos guiarmos principalmente pela apreciação tactica do caracter do terreno."

Pompeu Cavalcanti.

Organisação dos Arsenaes e Fabricas Militares

Prevenções

«Arsenaes de Guerra e Fabricas Militares» ou, simplesmente, «Arsenaes e Fabricas», são denominações pleonasticas, pois a nosso ver todos esses estabelecimentos são indistinctamente *Fabricas Militares*.

Em homenagem á rotina conservamos o pleonasma no titulo, e, como protesto contra essa mesma rotina, empregaremos, quando necessario, a denominação de Fabricas Militares, comprehendendo ahi os Arsenaes de Guerra.

O fim primordial dos rabiscos que escrevermos sob o titulo acima será estimular,

ferretear os competentes para que venham a campo, por meio da imprensa ou do livro, dizer sobre o interessante, complexo e descurado assumpto que é a organização da industria fabril militar no Brazil.

Não vamos, portanto, *criticar* na acceção maldosa do termo, nem tão pouco é pretensão nossa fazer *reorganisação*.

Isso entendido, começaremos por uma ligeira palestra sobre:

1) *Unificação.*

As variedades fundamentaes das multipas organizações dos nossos estabelecimentos militares estão exigindo uma systematisação rigorosa, uma methodisação criteriosa.

Dizer aqui todas as divergencias e incoherencias que existem nas organizações de nossas Fabricas seria tarefa penosa, alem de enfadonho passatempo para o leitor.

Entretanto, convem illustrar o capitulo com algumas incongruencias tomadas a *vol d'oiseau*.

Na parte administrativa:

Ha estabelecimentos que têm *Sub-Director*, um outro tem *Fiscal*, alguns nem *Sub-Director* nem *Fiscal*.

Das nossas cinco Fabricas mais importantes, trez são providas de secretarios civis; nas duas outras os secretarios são militares.

Os funcionarios civis, funcionarios de escripta, são em umas Fabricas 1^{as} e 2^{as} ... officiaes (o Arsenal de Guerra da Capital Federal tem ainda chefes de secções); em outras são amanuenses, escripturarios, escreventes...

Na maioria das Fabricas ha o Almo-xarife e o Agente (civis), mas na Fabrica da Estrella o Agente é militar e no Arsenal, alem do Almo-xarife e do Agente, ha um Intendente.

Para não nos tornarmos fastidioso, passemos á parte technica:

Esta Fabrica é dividida em Grupos, aquella em Secções, aquella outra em officinas.

E, com essa variedade, a variedade de titulos dos serventuarios.

Já vimos que no Arsenal de Guerra — *Chefe de Secção* é um cargo administrativo servido por um civil; na Fabrica de Cartuchos, *Chefe de Secção* é cargo technico servido por official e correspondente, por

sua vez, ao *Adjuncto* da Fabrica do Piquete!

Talvez seja custoso de se entender, mas é a realidade.

Aqui as officinas são dirigidas por «mestres e contramestres», ou somente por «mestres»; ali o são por «contramestres de 1.^a e 2.^a classe»; acolá por «encarregados de officinas».

O pessoal operario está organizado de forma tal, que... melhor é passarmos adiante.

E passemos á burocracia, que deve ter aqui seu destaque especial.

A parte administrativa: Almo-xarifado, compras e fornecimentos, carga geral, descarga, folhas de pagamento, etc., etc.; a parte technica: registros de fabricação e de revisão, experiencias, material empregado, mão de obra, produção, preços dos productos, inspecção do operariado, etc., etc. — tudo isso, parece-nos, as nossas Fabricas Militares possuem, mas... cada uma tem a sua escripta, o seu methodo, o seu systema.

Em resumo: Administração, technica e respectivas burocracias, precisam e precisam extraordinariamente de unidade.

Com algumas alterações, parece-nos que a Fabrica do Piquete e a de Cartuchos poderiam fornecer, com as suas organizações actuaes, um bom modelo para uma organização geral.

Entretanto, em capitulos a seguir, trataremos de cada ramo de uma organização que poderia ter qualquer estabelecimento fabril militar.

Sobre este assumpto já ouvimos uma perigosa confusão, tal a de se dizer que a Inspecção do Material Bellico tratava de unificar os Regulamentos das Fabricas.

Não é possivel.

Por felicidade nossa, a Inspecção creada ultimamente foi desde logo provida de pessoal conhecedor do *métier*.

Cada Arsenal, cada Fabrica ha de ter forçosamente o seu Regulamento de accôrdo com a natureza dos trabalhos que lhe são affectos, com o numero de seus serventuarios, com o seu desenvolvimento, com a sua localisação, etc.

A organização technica e administrativa é que pode e deve ser uma e unica.

A seguir trataremos da *Direcção* das Fabricas Militares.

Subsidio para o anno de instrucção

Instrucção Pratica — de um livro do commandante Royé.

II

B — Exercicios preparatorios

1º exemplo

Situação offensiva: O movimento auxiliado pelo fogo.

THEMA (*) — Um batalhão, precedido por esclarecedores montados, marcha de A para B ao encontro do inimigo assignalado. Em C o chefe do primeiro grupo da companhia de vanguarda recebe o seguinte aviso: «Uma pequena columna inimiga tem a testa a cerca de 2 km. daqui, na altura de uma casa de telhado vermelho, nesta direcção (o esclarecedor indica); os esclarecedores receberam tiros dessa casa. (casa F).

Exercicio n. 1

Objecto — Acção do chefe e do seu grupo, da chegada do aviso ao momento em que, tendo entrado sob o fogo inimigo, seja imperioso responder o.

Estudo — Disposições tomadas: ao receber o aviso, no ultimo coberto, ao receber o fogo. Execução do fogo.

Organisação — O grupo de manobra tem o effectivo de guerra. O grupo objectivo O (silhuetas ou homens deitados) como indica o croquis. Recommendar ao graduado que collocar o objectivo: deixal-o invisivel até ao primeiro signal; neste momento fazel-o apparecer deitado e (se possivel) fazel-o atirar; deixal-o visivel um minuto ou 30 segundos se utilizar o fogo.

Situações successivas—Disposições tomadas

ENSINAMENTOS

Primeira — Situação resultante dos dados do thema e alcançando o momento em que o grupo parte do ultimo coberto — a sébe H.

Ao receber o aviso, o chefe se lança com seu grupo para a sébe H. Dahi o desenvolve em atiradores a 3 passos sobre o valle P. Agora elle chama os sargentos das secções, mostra-lhes a casa F e envia uma patrulha de 3 homens na direcção da casa. Assim que a patrulha se afastou de 300 m. ordenou um lance.

Deixar a estrada pelo coberto H! Havia a certeza de o encontrar?

De que se trata?... marchar sobre o inimigo e nas melhores condições — com o *minimum de perdas*. As informações do esclarecedor não bastam; é preciso que o chefe do grupo se adeante com elle a reconhecer o terreno á luz dos informes. Ignorando quasi tudo, lançar o grupo para a frente?! Demais como *advinhar* o ultimo coberto?

Melhor seria o chefe *preceder* o grupo com os seus *observadores*, e, assim auxiliado, pessoalmente estudar o terreno. Alcançada a sébe, chamaria o grupo *indicando* o *trajecto* a percorrer e a *formação* para o *percurso* como para a *occupação* do coberto. Os olhos e toda a atenção sobre a direcção em que foi assignalado o inimigo completariam o acerto das suas decisões.

Procura do inimigo: onde está elle? Se o virmos, que fazer? O terreno é chato e quasi nú. Sóbe docemente para a casa que está sobre a crista a 1200 m. Dahi *dedusir* os perigos provaveis e os meios de os attenuar. Isto deve ser feito rapidamente. E o será na razão do preparo do chefe.

Quanto á *orientação* do grupo não é sufficiente o conhecimento da situação pelos commandantes de secção. E' *indispensavel* que *todos* os homens conheçam a *missão* da sua unidade. «Objectivo a attingir e ponto de referencia a casa de telhado vermelho a 1200 m. O inimigo foi assignalado nas cercanias desta casa.» *Cada um* conhecendo a missão de *todos*, o espirito offensivo circulará na unidade inteira.

O lançamento da patrulha não se comprehendendo. E os esclarecedores montados? *Nesse terreno* nada melhor que elles.

Segunda — As faltas precedentes são rectificadas. O director notifica o seguinte ao commandante do grupo: «Sabe-se, por um esclarecedor montado, que pequenos grupos inimigos avançam para cá da casa.» Estes grupos por ora são invisiveis.

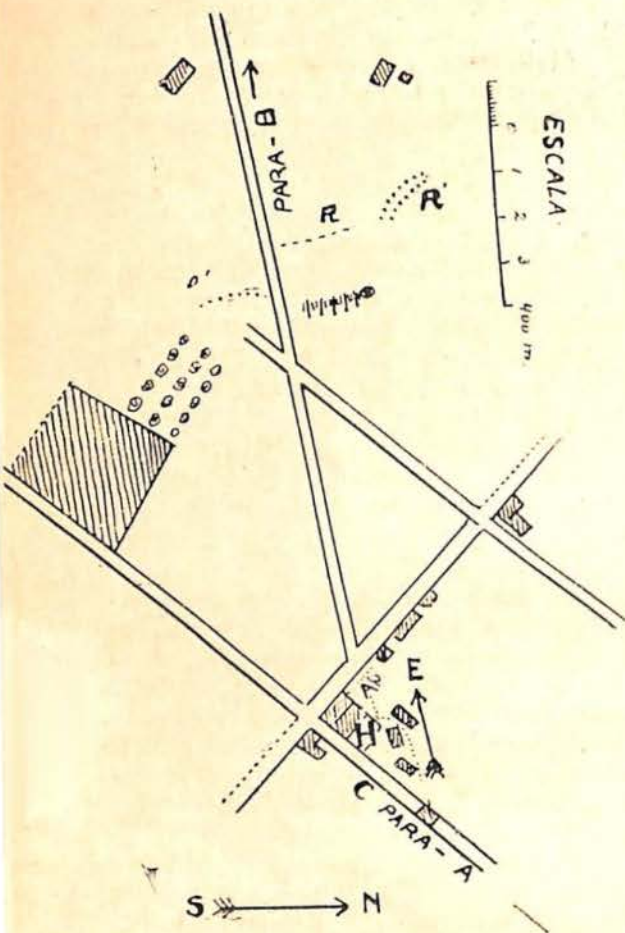
O chefe do grupo utiliza o binoculo e nada vê. Sae do coberto com seus homens estendidos a 2 passos. O movimento se executa lenta e desordenadamente. Os atiradores se *embólam*.

Theoricamente, sob um tiro regulado, a linha de atiradores seria a formação

(*) Vide o croquis.

menos vulneravel. Admittil-a não seria demais. Ella é, entretanto, muito visivel. Aliás difficultou a mudança de direcção que se fez necessaria. Esta foi a principal razão do máu effeito do desenvolvimeto. Os homens tambem não tinham o *habito* dos *effectivos* de guerra.

A linha de *columns* de esquadras por dois ou por um com o intervalo do des-



envolvimento é o aconselhavel. Pouco visivel, muito flexivel, é prestes á abertura rapida do fogo. Todavia, qualquer que seja a formação é preciso executal-a com *rapidez*—ganhar o maximo de terreno sem ser visto.

Depois desta critica o director fez o grupo retomar a posição atraz da sébe. Ordenou-lhe novamente lançar-se para a frente. O chefe do grupo só ordenou a formação á *sahida* do coberto. O director deteve novamente o grupo. Disse ao seu commandante que, salvo impossibilidade, as formações são sempre tomadas ao *abrigo* das *vistas*.

Terceira — O grupo na formação pre-scripta cahiu, depois de um lance de 50 m., sob o fogo de um grupo inimigo O, aterrado a cerca de 800 m. do coberto. O fogo é muito violento e mortifero. (Ultima informação do director).

O commandante do grupo commanda: «A 3 passos de intervalo! — estender!» Procura o objectivo e difficilmente o encontra. O fogo inimigo cessa. O chefe tenta um novo lance e é novamente *garfado*. O grupo aterra. E' aberto o fogo de um cartucho, seguido de outro de quatro, ambos com alça de 900 m. O grupo se desenvolveu melhor. O fogo continuou alguns segundos depois do commando: «cessar fogo!». Accresce que o objectivo havia desaparecido. O chefe do grupo fez o lance *entre* os seus homens.

As disposições ordenadas e seguidas até a abertura do fogo, inclusive, foram boas. A dificuldade em *achar* o objectivo a 750 m. neste terreno foi, exclusivamente, *falta de vista exercitada*. Porque o chefe não se fez seguir dos observadores? Esta falta foi rectificada. Dois homens, escolhidos entre os de melhor vista, passaram a acompanhá-lo. Convem notar que no grupo de manobra *não havia* um homem *exercitado* em taes funções!!

São-lhe pedidas as razões do seu fogo. «Meu movimento foi detido. Servi-me do fogo para o auxiliar. O de um cartucho foi de regulação. A natureza do terreno me permittiu observar que era boa a alça. Adoptei-a. Dahi um fogo mais nutrido». O director achou o fogo judicioso. Comtudo diz que o *principal* é saber alcançar o *rendimento maximo*. A regulação do tiro pela observação dos pontos de queda é um *processo* muito *discutivel*. Se o objectivo está enquadrado por tiros curtos e longos, não se segue que o tiro seja curto nem longo, muito menos que esteja *regulado*. A tropa atirando com calma (o que se não dá na realidade), a profundidade do grupamento — o terreno batido — é de cerca de 800 m., 500 m. áquem do ponto médio e 300 m. além. A segurança do resultado está pois em saber a extensão do terreno batido na frente do objectivo. Assim a efficacia do fogo em questão está prejudicada. A alça é maior de 150 m. O terreno batido na frente do objectivo é de 350 m. em lugar de 500 m.

O problema pois não é bem *regular o tiro*. E' deter o inimigo, immobilisá-lo sob um fogo mortífero — é alcançar a *efficacia maxima*.

O desenvolvimento foi melhor porque partiu de uma formação mais *simples*. A continuação do fogo — gasto de munição e retardo do movimento. O commandante do grupo no lance devia precedel-o a 10 passos.

Exercício n. 2 (continuação do n. 1)

Objecto — Acção do chefe do grupo e do grupo, da resposta ao fogo adverso á chegada dos primeiros reforços.

Estudo — Disposições tomadas: no momento em que o fogo inimigo cessa (execução do movimento); quando o grupo se acha novamente sob o fogo, mas, desta vez, de dois grupos inimigos (mudança de objectivo); quando, cessado o fogo, os dois grupos se mostram em movimento a 900 m.

Organisação — Collocar o grupo de manobra na ultima posição de fogo do exercício precedente; dispor com objectivos (ver o croquis) o grupo *D* e um outro *D'* e mais *R* em atiradores e *R'* em columna por dois. Recommendar ao graduado que dispõe os objectivos: ao primeiro signal fazer apparecer *D* e o deixar visível 30 segundos de fogo; ao segundo, fazer apparecer *D'*, e quando for aberto o fogo sobre *D'*, fazer reaparecer *D*; ao terceiro signal, fazer reaparecer *D'* 15 segundos de fogo e após tornar visíveis *simultaneamente R e R'*.

Situações successivas—Disposições tomadas
ENSINAMENTOS

Quarta — O grupo é supposto na terceira situação: sob o fogo de *O*; o chefe responde-lhe e elle cessa.

O chefe do grupo faz cessar o fogo, espera um instante e commanda "Linha de columnas de esquadra, em frente!" e avança seguido de seus homens. Depois de uns trinta metros todos aterram.

O chefe devia sem hesitar *lançar para a frente* o seu grupo, *desde* que o fogo cessou. O fogo não é senão *um meio* de protecção. Tudo está em o fazer efficaz. E' preciso que os chefes conheçam-lhes as oportunidades. Que estes saibam tirar-lhe todo o rendimento. Afastados os motivos do fogo elle mesmo cessa e reaparece o movimento.

Retomar a formação em linha de columnas é um erro. Esta formação, *preferível* para a sahida do coberto, não se recomenda *agora*.

Fazer um lance só de 30 metros não se explica. Os fuzis inimigos estão em silencio. Nada detem o movimento. Só uma solução . . . *para frente!*

Quinta — O grupo é collocado novamente na terceira situação. O fogo cessa. Um novo lance é detido pelo fogo de um grupo *D'*, pouco depois simultaneo com o de *D*. Os grupos *amigos* visinhos começam a apparecer.

Aterrado o grupo, seu chefe quer abrir o fogo sobre o objectivo precedente (*D*). Procura-o e não o encontra. Um dos seus observadores lhe mostra *D'*. O chefe abre sobre *D'* um fogo efficaz. Em seguida percebe *D* que reaparece. O chefe determina ao cdte. da secção da direita o fogo sobre *D*. Este ordena «cessar o fogo!» A voz repetida por toda a linha acaba reduzindo ao silencio todo o grupo. Em vão o chefe do grupo grita e acena. O director suspende o exercício.

Até ao abrir o fogo sobre *D'* nada a dizer senão que este objectivo foi assignalado por um observador. A apparição de *D* surprehe o chefe que *inteiramente* se preocupa com *D'*. Fazer cessar o fogo de uma secção para atacar os dois objectivos, é "deixar um passaro na mão por dois voando". Isto podemos observar no lastimavel incidente que já conhecemos.

Fazer atirar uma das secções sobre *D* sem cessar fogo, só por uma simples designação de objectivo . . . nova illusão! E' *impossivel* fazer uma *nova designação* de objectivo em *pleno fogo*. Ninguem nos ouvirá. Os que nos ouçam não mudarão de objectivo por isso mudarão de objectivo por isso que se esforçarão em propagar a ordem. A mudança de objectivo é uma operação *necessaria*, mas muito delicada. Só se a realisará *cessando* o fogo.

Então que fazer? Os effeitos do fogo são tanto mais consideraveis quanto mais concentrados. Logo, lançar sobre *D'*, grupo *fresco*, o *maximum* de projectis no *minimum* de tempo. Assim que a situação permitta, atacar *D* com a mesma *violencia*. Depois, em melhores circumstancias, se poderá ataca-los *simultaneamente*. Além do

mais, é preciso proteger a *todo transe* o progresso dos grupos visinhos até nós. (solidariedade).

Sexta — O grupo esta prompto a atirar sobre *D'*. *D'* cessa o fogo. Alguns segundos depois, dois grupos inimigos, *R* em atiradores e *K'*, em columna por dois, se apresentam em movimento a cerca de 900 ms.

Desde que *D'* cessa o fogo, o chefe do grupo inicia um lance. Ao perceber *R* faz alto e vae abrir o fogo sem modificar a alça. O director o detem.

Explicando os motivos do fogo que ia abrir, disse o chefe que "tinha na frente um bello alvo." Não se atira só porque o inimigo se apresenta vulneravel. O fogo não é senão um meio que utilisamos quando o inimigo nos quer *impedir* o cumprimento da nossa missão. De que se trata? De ganhar terreno. Chegar á casa do telhado vermelho. Que melhor do que esse instante em que nada nos impede? As occasiões de avançar são fugidias. E' preciso aproveitar bem todas as que apparecem. Dir-se-ha "mas se não se atira, o inimigo avança". Então, a ser assim, se nos *detemos* quando elle *avança* e quando atira—quando *avançaremos*? Aliás, se atiramos sobre este grupo em movimento, das duas uma: ou elle continua a marchar (fogo pouco efficaz) e elle é quem avançará ou se aterrará para responder. Compete-nos atirar *ainda*. Si nós *atiramos* quando o inimigo *marcha*, se *atiramos* quando elle *atira*—quando *avançaremos*?

Ainda uma conclusão — a vulnerabilidade de uma formação depende bem mais da sua visibilidade que do seu typo. A visibilidade convida ao fogo. E' o que diz o exercicio vertente. Theoricamente, de 900 a 1.000 ms. a columna é mais vulneravel que a linha. No entanto só a linha foi vista e cahiu sob o fogo.

2º Tenente Mario Travassos.

O Fusil Mauser M. 1908

Nomenclatura do fusil — Projecto de instrucções para o seu uso

§ 3 — Mecanismo da Culatra (Prancha I)

27 — O mecanismo da culatra abrange o conjunto de órgãos destinados a fechar, disparar ou travar a arma, percutir o cartucho e eliminar o estojo servido. Formam-no o *ferrolho*, o *retém do ferrolho* com o *ejector*, e o *gatilho*.

FERROLHO

28 — O ferrolho realiza o fechamento da arma e encerra os dispositivos de percussão, extracção e segurança. Comprehede as seguintes partes: *cylindro* com alavanca de manejo, *extractor* e *annel* respectivo, *percussor* e *mola* correspondente, *cão*, *receptor-guia do cão* e respectivo *retém*, *registro de segurança*.

29 — *Cylindro* (fig. 10) — O cylindro é o órgão immediato do fechamento. Sua parte anterior ou *cabeça* apresenta: o *alojamento do culote do cartucho*, face plana do topo, com rebordo, no contorno e um orificio central que dá passagem á ponta do percussor; os *travadores de fechamento*, resaltos dispostos á direita e á esquerda, o ultimo dos quaes é fendido para permittir a acção do ejector, e a *ranhura do dente do extractor*. Na parte média ou *corpo* acham-se dispostos: a *ranhura do annel do extractor*, os *orificios de escapamento*, previstos para favorecer a fuga de gazes em caso de ruptura do estojo, perfuração ou desprendimento da capsula, sem damno para o atirador, a *nervura-guia do ferrolho*, resalto alongado em correspondencia com a alavanca, e o *travador de segurança*, que junta sua acção á dos de fechamento.

A extremidade terminal do cylindro forma um *reforço*, em que estão praticados o *entalhe de segurança*, rebaixo circular da esquerda para o dente do registro de segurança, e o *entalhe de disparo*, recorte profundo da direita, com uma rampa reversa, sobre que escorrega o talão da nóz no disparo da arma.

30 — A alavanca é a peça de manobra do ferrolho. Termina por um botão espherico e reforça-se na junção com o cylindro ou *pé de alavanca*, truncado na aresta de contacto com o recorte da ponte.

31 — O vasado interior do cylindro serve de *alojamento* ao percussor e sua mola e apresenta, na altura da alavanca, uma *porca* destinada á rosca do receptor-guia do cão.

32 — *Extractor* e *annel do extractor* (fig. 11) — O extractor é uma lamina ligeiramente curva e alongada, tendo por funcção retirar da camara o estojo servido. Seus elementos essenciaes são a *garra* e a *cauda*: a *garra* sujeita o cartucho pela ranhura do culote antes de completa a introdução na camara; a *cauda*, delgada e flexivel, age á feição de mola para favorecer esse movimento.

O extractor, retido por um *dente*, que o impede de escapar-se longitudinalmente, e apoiado pelo resalto posterior ou *talão* da cauda, gira sobre o cylindro, graças ao annel movel em que é fixado. Os ramos do annel, peça elastica, oferecem em seus bordos juntivos dois pequenos resaltos (fig. 11, a) que se approximam constituindo uma *presilha*, a que corresponde um encaixe no extractor.

33 — *Percussor* e *mola do percussor* (fig. 12) — O percussor provoca a inflamação do cartucho *percutindo-o* pela *ponta* ou extremidade afilada da parte em forma de dardo anterior ao resalto.

A partir do meio para a cauda é o corpo da haste aplainado em duas faces oppostas, para impossibilitar o giro no interior do receptor-guia do cão, terminando por tres *fletes* de contorno mixto, que o prendem ao cão.

A mola do percussor (fig. 12, a) determina o avanço rapido da peça. Comprime-se entre a

base do resalto e o receptor-guia do cão, adquirindo a energia própria ao choque da capsula, quando abandonada a si mesma.

34 — *Cão* (fig. 13) — É a peça que arma o percussor. Compõe-se de 1 cylindro com os *alojamentos dos filetes* e de um embasamento denominado *nóz*.

Os filetes adaptam-se aos alojamentos-ranhurais circulares abertas no furo de introdução da cauda, mediante uma rotação de um quarto de circulo e, como o ultimo filete é mais largo que os outros dois, o mesmo acontecendo com o alojamento respectivo em relação aos restantes, percussor e cão só podem ser ligados de uma maneira unica.

35 — Na *nóz* ha que distinguir o *talão*, saliencia anterior, talhada obliquamente em rampa, harmonica com a do entalhe de disparo, e o *resalto*, inferiormente disposto. O *talão* inicia o movimento de armar o percussor, o *resalto* o completa, fixando a arma na posição de disparo, isto é, prompta para atirar.

36 — *Receptor-guia do cão e respectivo retém* (fig. 14) — O receptor-guia do cão liga entre si as diferentes partes do ferrolho, função a que se presta em virtude da variedade e disposição de suas formas. Atarracha-se ao cylindro por uma rosca de filetes inclinados em forma de dentes de serra, mas não participa do movimento rotativo d'elle, é atravessado por um furo que dá passagem á haste do percussor, e contém um certo numero de cavidades ou *alojamentos*, designados pelos nomes das peças que reúne: *alojamento do cão*, com uma corrediça para *nóz*, cujo movimento dirige, *alojamento da segurança*, *alojamento do reforço do cylindro*, e *alojamento do retém*.

Seu bordo anterior, reforçado e desenvolvido, constitue uma especie de aba de protecção ou anteparo contra as projecções accidentaes de gazes. Uma superficie de concordancia limita-lhe, desse lado a introdução no cylindro, ajustando-o ao pé da alavanca.

37 — *O retém* (fig. 15) — Impede que o receptor gire sobre o cylindro quando se puxa o ferrolho á retaguarda. É uma pequena haste continuamente impellida para fóra de seu alojamento pela reacção de uma mola (fig. 15, b), graças ao que se introduz por um resalto médio (fig. 15, a) no entalhe de segurança do cylindro, logo que se dá volta á alavanca para abrir a culatra. É superiormente provido de um braço que lhe evita a fuga.

38 — *Registro de segurança* (fig. 16) tem por função travar a arma e permitir, accessoriamente, a desmontagem do ferrolho. Forma-o uma haste terminada de um lado por um *dente* e de outro por um *disco* ligado a uma *aza* de manobra. O disco é interrompido por um *chanfro* e traz na face posterior dois pequenos rebaixos ou *entalhes*, partes estas que elle apresenta successivamente ao cão nas tres posições occupadas pela aza: á esquerda (arma livre), na vertical (arma parcialmente travada ou posição de desmontagem do ferrolho), e á direita (arma inteiramente travada).

A aza serve ainda para sujeitar o registro ao rebordo da entrada do alojamento correspondente. O rebaixo á direita do rebordo permite introduzir ou retirar a peça, quando se monta ou desmonta o ferrolho.

RETÉM DO FERROLHO

39 — Dispositivo situado na caixa da culatra, á esquerda da ponte, na qual é montado a charneira. Consta do retém propriamente dito (fig. 17, a) e do *ejector* (fig. 17, b), donde a dupla função que exerce: limitar o curso retrogrado do ferrolho e projectar para fóra o estojo servido.

A mola commum a esses órgãos, mola dupla, formada de dois ramos conjugados (fig. 17, c), sobre elles age de tal sorte que o *dente* do retém e o *ejector* ficam constantemente salientes no interior da ponte.

40 — Favorecendo o movimento do ejector, traz o corpo do retém uma fenda interna longitudinal até o *dente*. Externamente offerece uma pequena saliencia ou *fulcro*, em que se apoia o pollegar esquerdo para afastar a peça na retirada do ferrolho.

41 — O *ejector* articula-se no mesmo pino do retém (fig. 17, d) de cujo movimento participa, independentemente do movimento que lhe é proprio, provocado pelo jogo do ferrolho.

GATILHO

42 — O *gatilho* é o dispositivo de disparo da arma. Partes componentes: *corpo*, *tecla*, *mola*.

43 — O corpo é constituido por um balanceiro recto, movel em torno do anillo, na face inferior da caixa da culatra. Nelle acha-se o órgão principal do disparo, o *dente do gatilho* (fig. 18, a) no limite de um rasgo que recebe a cabeça da tecla.

44 — Na *tecla*, disposta perpendicularmente ao corpo e com elle articulada distinguem-se a *escóla*, appendice que a impossibilita de mover-se para a frente, os dois *resaltos de pressão*, saliencias superiores pelas quaes ella é premida de encontro á caixa pela resistencia da mola ou o dedo do atirador, e a *cauda*, parte curva terminal que sobresahe na coronha para o accionamento da peça (fig. 18, b, c, d).

45 — A mola do gatilho (fig. 18, e) firma-se de um lado na caixa e do outro no fundo de seu alojamento, no corpo, e regula o funcionamento do systema, mantendo o *dente* constantemente elevado em seu respectivo orificio, na cauda.

§ 4 — Mecanismo de repetição

PRANCHA I

46 — Sob esta denominação acham-se comprehendidos os diversos elementos que asseguram a rapidez de fogo da arma. São elles: o *deposito*, o *fundo do deposito* com o respectivo retém, e o *transportador* com a mola correspondente.

DEPOSITO

47 — O deposito (fig. 19) é constituido por um cofre de fundo desmontavel, disposto na parte média da caixa da culatra, em correspondencia com a abertura de carregamento, atravez da qual recebe o grupo de cinco cartuchos que armazena. Seus prolongamentos anterior e posterior — *ponta* (fig. 19, a) e *cauda do deposito* (fig. 19, b) — fixam-no á caixa por meio de dois parafusos, por essa razão chamados *parafuso da ponta* e *parafuso da cauda* do deposito, consolidada a ligação, de cada lado, por um contra parafuso. O parafuso da ponta atravessa uma saliencia cylindrica, o *bico* (fig. 19, c.), ahi existente como meio de ajustamento.

48 — Na ponta e na cauda é a superficie do

deposito escavada, com o fim de diminuir o peso morto da peça. A cauda apresenta, demais, um *rasgo* longitudinal (fig. 19 d.), permitindo a passagem e o movimento da tecla do gatilho.

49 — A parte curva da cauda denomina-se *guarda-matto*.

Tem por fim resguardar a cauda da tecla, e é provida de um furo para receber o grampo da bandoleira.

50 — O deposito offerece na escóla (fig. 19, f.) prolongamento da face de trás do cofre, um ponto intermediario de ligação. Ella o apoia internamente á parte posterior da caixa da culatra, e é escavada em rampa para não embaraçar o escoregamento do culote do cartucho ao se desprender do carregador.

51 — Ha, por ultimo, a considerar: o *alojamento do retém*, (fig. 19, g), aberto em um reforço á retaguarda do cofre, o *encaixe* do resalto, e as *ranhuras* dos linguetes do *fundo do deposito*. O encaixe communica com o alojamento do retém e encerra a ranhura do linguete posterior; a outra ranhura é praticada internamente na face anterior do cofre.

FUNDO DO DEPOSITO E RESPECTIVO RETÉM

52 — O *fundo do deposito* (fig. 20) — Serve de base á mola do transportador, cujo esforço — transportador e cartuchos comprehendidos — supporta. Os dois *linguetes* de que é provido (fig. 20, a, b), um dos quaes fazendo co-po com um resalto á retaguarda, prendem-no solidamente ao deposito.

53 — O *retém do fundo do deposito* (fig. 21) Consiste em um pequeno piston que, por introdução no furo do resalto, supprime toda possibilidade de jogo e, portanto, de desprendimento por parte da peça. Acciona-o uma mola (fig. 21, a) e um pino transversal de segurança (fig. 21, b) obriga-o a permanecer em seu alojamento (fig. 2, f).

TRANSPORTADOR E MOLA CORRESPONDENTE

54 — O transportador (fig. 22), movel no interior do deposito, conduz successivamente os cartuchos ahi armazenados á posição em que os co-lhe o ferrolho em seu movimento avante.

Pela *nervura distribuidora* (fig. 22, a) que o percorre de extremo a extremo, em sentido obliquo, separa elle os cartuchos em dois grupos, tres á direita e dois á esquerda, mantendo-os de tal sorte que, a cada movimento de abrir a culatra, só um cartucho faz saliencia no deposito premido nos bordos da abertura de passagem.

55 — A *mola do transportador* (fig. 23, b) — determina-lhe o movimento ascendente. Comporta quatro ramos dispostos em ziguezague e adapta-se pelos ramos extremos ás faces internas do fundo do deposito e do transportador, para isso munidas de dispositivos adequados: abas de sujeição e reparos que a limitam em seu jogo longitudinal.

§ 5 — Coronha e telha

56 — *Coronha* (fig. 23) — Peça inteiriça de madeira, destinada a permittir o manejo da arma, cujas diversas partes enfecha em um todo. Divide-se em *fuste*, *delgado* e *couce*.

57 — O *fuste* é toda a porção recta anterior até á caixa da culatra. Com excepção de algumas guarnições, os demais órgãos do fuzil são ahi recebidos, dispondo-se em cavidades ou superficies cujos nomes lembram os de taes órgãos, a saber:

a — Calha do cano.

b — Rebaixo do escudete do fuste.

c — Canal da vareta

d — Rebaixo da braçadeira inferior.

Encaixes das molas das braçadeiras.

Encaixe do batente da vareta.

e — Encaixe do para-choque da coronha.

f — Alojamento da caixa da culatra.

g — Alojamento do deposito.

Furos dos parafusos do deposito.

h — Abertura da tecla do gatilho.

58 — O *delgado* é a parte curva arredondada que succede ao fuste e pela qual o atirador empunha a arma, ao firmal-a ao hombro, na pontaria. De conformação apropriada a esse mysterio, offerece do lado inferior, uma protuberancia desenvolvida denominada *apoio da mão* (fig. 23, i).

59 — O *couce*, parte posterior e mais reforçada da coronha, dá, pela *soleira* (fig. 23, j) uma superficie de apoio á arma no terreno, ou no hombro do atirador, sobre o qual, por sua forma geral e a extensão do contacto, attenua notavelmente as reacções do recuo.

Em seu lado direito acha-se o encaixe da *placa de inscripção*, e no dórso, junto ao delgado, o encaixe do pé do grampo da bandoleira.

No couce, chama-se *bico* a extremidade situada do lado do guarda-matto; a extremidade oposta chama-se *talão*.

60 — *Telha* (fig. 24) — Peça de madeira que completa o effeito protector da coronha e preserva a mão do atirador do aquecimento do cano cobrindo-o numa extensão de cerca de 35 cm., a partir da testa da caixa da culatra.

Aquém da abertura de passagem da alça (fig. 24, a) recebe inferiormente uma mola curva, de lamina (fig. 24, b), que a fixa ao cano e termina por um rebaixo (fig. 24, c) destinado á braçadeira inferior.

§ 6 — Guarnições

61 — *Guarnições* são diferentes peças metallicas que a arma apresenta, destinadas na maioria a reforçal-a, reunir e consolidar a ligação de suas partes. São as seguintes: *escudete do fuste*, *braçadeiras*, superior e inferior, *molas das braçadeiras*, *batente da vareta*, *para-choque da coronha*, *parafusos do deposito*, *placa de inscripção*, *pé do grampo da bandoleira*, *chapa da soleira*.

62 — *Escudete do fuste* (fig. 25) — Encaixado no topo da coronha e ahi fixado por um pino transversal, reforça-o e protege-o contra a acção da humidade e a attrito da vareta. Serve de supporte ao sabre, recebendo-o pela ranhura do pomo em uma espiga terminal, por esse motivo chamada *presilha do sabre* (fig. 25, a).

63 — *Braçadeiras*. São as duas guarnições que fixam o cano á coronha. A primeira ou *braçadeira superior* (fig. 26) envolve-o pelo escudete do fuste e traz inferiormente um gancho para o colchete movel da braçadeira. A segunda ou *braçadeira inferior* (fig. 27) apoia-se ao resalto em que o fuste muda de secção e liga ao mesmo tempo cano, coronha e telha. Solidario com ella e movel a charneira, um elo alongado ou *zarelho*, forma um dos pontos de prisão da bandoleira.

64 — *Molas das braçadeiras*, (fig. 28 e 29). Dispostas do lado direito do fuste, junto ás braçadeiras, servem para retel-as em seus respectivos logares. A da braçadeira inferior (fig. 28) difere da outra apenas em não ter o botão pelo

qual esta previne a fuga da braçadeira correspondente no sentido de baixo para cima.

65 — *Batente da vareta* (fig. 30) — Pequena peça que limita a introdução da vareta, a que serve de porca.

Encaixa-se no fuste, na altura da braçadeira inferior.

66 — *Para-choque da coronha* (fig. 31) Peça de ajustamento da caixa da culatra. Reforça e protege a coronha, que através della recebe as percussões do tiro.

67 — *Parafusos do deposito* (fig. 32 e 33). São os dois parafusos que fixam anterior e posteriormente o deposito á culatra: *parafuso da ponta* e *parafuso da cauda* do deposito, munido cada um de um contra-parafuso (fig. g, h). O da cauda (fig. 32) distingue-se por ser maior que o da ponta e trazer como annexo um pequeno tubo (fig. 32, a) que se embute na coronha para lhe dar passagem.

68 — *Placa de inscripção* (fig. 34) — Situada do lado direito, no couce, aproveita ao registro da arma, segundo o numero da companhia e do batalhão a que pertence. E' fixada por um parafuso.

69 — *Pé do grampo da bandoleira* (fig. 34). E' o suporte do grampo desmontavel da bandoleira, encaixado e preso por dois parafusos no dorso do couce. (fig. 2, i).

70 — *Chapa da soleira* (fig. 36). Revestimento que reforça e resguarda o couce de pancadas, de attrito e da humidade do sólo. E' mantida por parafusos.

§ 7 — Sabre punhal

71 — O *sabre-punhal* (fig. 37), é a arma branca que, por adaptação ao fusil permite transformar-se em arma de choque.

Divide-se em *punho*, *cruzeta*, e *lamina*, e é provido de uma bainha que lhe abriga a lamina.

72 — O *punho*, parte reservada ao manejo da arma, é constituido pelo prolongamento ou *espiga* da lamina, como nucleo, o *pomo* (fig. 37, a) e duas placas de madeira (fig. 37, b). O pomo solda-se á espiga e as placas a ella se fixam por dois rebites.

Para ajustar o sabre ao fusil e ahi mantelo seguro, traz o pomo uma *ranhura de encaixe* e um dispositivo de mola ou *retém*, cujo dente se casa com um entalhe correspondente na presilha do escudete do fuste.

A ranhura prolonga-se por um rasgo para a vareta em quasi todo o comprimento da espiga.

73 — A *cruzeta*, interposta á lamina e ao punho, resguarda de golpes a mão do soldado, permite, pelo ramo curvo (c), a formação dos sarilhos e, pelo *alvado* (d), abertura circular do ramo opposto, firma o sabre ao cano.

E' soldada e cravada á lamina.

74 — A *lamina* é a parte directamente util do sabre. Suas faces (e) são escavadas para lhe diminuir o peso, sem prejuizo da resistencia, e apresentam dois chanfros (f) que combinados, formam o *gume* (h). O lado opposto ao gume chama-se *dorso* (g).

As faces adelgaçam-se para a extremidade inferior, ao mesmo tempo que o dorso e o gume convergem para formar a *ponta* do sabre (i).

A parte cheia da lamina proximo á cruzeta, chama-se *talão* (j): serve para ajustar-a melhor ao bocal da bainha.

75 — *Bainha* (fig. 37) — A bainha do sabre é feita de couro curtido, com guarnições de latão.

A guarnição superior, bocal (k), collada e presa ao couro por um ponto de fio de latão ou *atilho*, traz o *gancho* de suspensão ao cinturão (l), e encerra interiormente uma mola que evita a sahida accidental do sabre. A mola é constituida de dois ramos curvos entre cujos extremos é sujeita a lamina. E' soldada á peça que reveste superiormente o bocal e prende-se a este por um parafuso (m).

A guarnição inferior ou *ponteira* (o), terminada em um botão arredondado (p), reforça desse lado a bainha, á qual é igualmente collada e presa por dois *atilhos* (n).

§ 8 — Accessorios

76 — São considerados accessorios: a *bando-leira*, a *vareta*, o *cobre-mira* e o *guarda-fechos*.

77 — *Bandoleira* (fig. 38) — Tira de couro curtido que aproveita ao transporte da arma nas marchas de longo percurso. Pertence-lhe uma *fivela* (a), um *grampo* (b), um *botão duplo* (c) e um *colchete* (d).

A fivela, fixa a uma das extremidades da bandoleira, serve para formar o laço que a prende ao zarelho movel da braçadeira inferior. O grampo contém um elo ou zarelho fixo, pelo qual passa a outra extremidade da bandoleira para sujeital-a por meio do botão. E' facilmente montado em seu pé, no couce ou delle desmontado, por um dispositivo de mola, com botão lateral de pressão. O colchete corre livremente na bandoleira, entre a fivela e o grampo.

78 — Duas são as posições que a bandoleira pôde occupar, segundo os casos: *bandoleira curta* e *bandoleira longa* (fig. 38, A).

A primeira é a posição usual de serviço, observada em guardas, paradas, exercicios de tiro ao alvo, etc.: colchete no gancho da braçadeira superior, grampo no furo do guarda-matto.

A segunda posição é privativa de marcha, para trazer a arma a tiracollo ou suspensa ao hombro: colchete livre, bandoleira presa entre o zarelho da braçadeira inferior e o grampo, fixado em seu respectivo pé, no couce.

79 — Para passar de *bandoleira curta* á *bando-leira longa*, desprende-se primeiro o grampo, agindo sobre o botão de pressão, retira-se em seguida o colchete e transporta-se, por ultimo o grampo para o couce.

Inversamente para passar de *bandoleira longa* á *bandoleira curta*, separa-se o grampo de seu pé, corre-se e leva-se o colchete ao gancho da braçadeira superior, prendendo-se o grampo ao guarda-matto.

80 — Para montar a peça, observar-se-á o seguinte: Passa-se, de baixo para cima, lado envernizado voltado para a coronha, a extremidade em ponta pelo zarelho da braçadeira inferior, enfia-se a correia, de cima para baixo, nas duas aberturas da fivela, fazendo-a ahi escorregir até que a fivela diste de cerca de tres dedos (6 cm.) do zarelho. Dispõe-se e corre-se o colchete, bico para a frente, na direcção da fivela, até suspender-o ao gancho da braçadeira superior. Colloca-se o botão da bandoleira, introduzindo-o do lado do verniz, pela cabeça achatada, na casa superior e passa-se a ponta da correia pelo zarelho do grampo, botão de pressão á esquerda, dobrando-a e ajustando-a ao botão, apoiado, para maior firmeza, pela cabeça abaulada, sobre uma superficie resistente. Conduz-se finalmente o grampo ao

furo do guarda-matto, tendo o cuidado de correr para baixo a orelha de couro flexível appensa á bandoleira com o fim de evitar o attrito do botão sobre o fundo do deposito.

Em todos esses movimentos devem-se evitar as sacudidas ou puxões violentos, que fatigariam as peças nelles interessadas. Outra precaução a ter em vista é que a bandoleira não fique retesada, porque podem advir desarranjos na arma, pelo forçamento das braçadeiras e do deposito.

81 — Na desmontagem executar-se-ão movimentos contrarios aos da montagem.

Tira-se o grampo do guarda-matto (ou do seu pé, no couce), saca-se o botão de ambas as casas, com o que fica solto o grampo, corre-se o colchete para fóra (retirando-o previamente do gancho da braçadeira superior, se a posição é a de bandoleira curta), e faz-se escorregar a correia na fivela, desprendendo-a do aparelho da braçadeira inferior.

82 — *Vareta* (prancha I, fig. 39). A função da vareta é servir de instrumento de limpeza da arma em caso de necessidade, em campanha, para o que traz a cabeça da haste uma porca e a extremidade opposta uma rosca, permitindo-lhe receber uma segunda vareta e atarrachar-se a uma terceira. O rasgo da cabeça retém a bucha de limpeza, na vareta superior.

Pela rosca da ponta firma-se a vareta em seu batente, na coronha.

O recurso ás tres varetas póde ainda ser util para expellir da camara o estojo que escape á acção do extractor (1).

83 — *Cobre-mira* (prancha I, fig. 40). Dispositivo formado por um dedal de latão, em cujo interior trabalha uma mola, e um appendice de aço terminado em *garra* (a). O dedal realiza o papel de tapa, recobre e protege a bocca da arma, impede a entrada de corpos estranhos no cano e preserva-o da humidade do ar. O appendice resguarda a maça de mira de choques ou pancadas que tendam a deformal-a ou deslocar-a, mantendo-se sobre ella pelo esforço da mola, que lhe firma a garra aos bordos do embasamento.

84 — *Guarda-fechos* — Coberta de couro flexível, com fivelas e correias, destinada a abrigar da poeira e da chuva a caixa da culatra e seu mecanismo.

§ 9 — Munição

85 — Quatro são as especies de cartuchos empregados no fusil: o *cartucho* de guerra que, pelo nome, lembra o destino que tem, o *falso cartucho* usado para instruir o soldado no manejo de carregamento e no funcionamento da funcção da arma, o *cartucho de festim*, destinados aos fogos simulados de manobras e a salvas em cerimoniaes funebres, o o *cartucho de tiro reduzido*, para iniciar o recruta no aprendizado do tiro ao alvo.

Consoante a capacidade do deposito, é cada grupo de cinco cartuchos de uma espécie reunido em uma lamina metallica, o *carregador*.

86 — *Cartucho de guerra* (fig. 41, a) — Compõe-se de quatro elementos: *estorjo*, *carga*, *bala* e *capsula*.

87 — O *estorjo*, de latão, inteiriço, apresenta: o *gargalo*, parte em que se engasta a bala, o *adoçamento*, superficie de transição do gargalo

para o *corpo*, parte média que serve de camara de polvora, e o *culote*, parte terminal reforçada em que se acham a *ranhura de extracção*, o *alojamento da capsula*, a *bigorna*, saliencia no fundo do alojamento, de encontro á qual o precursor detona a capsula, e os *eventos*, os dois pequenos orificios obliquos que transmittem á carga a chamma do mixto de inflammacção.

88 — A *carga* do cartucho é constituida por 3,12 gr. de polvora de Piquete numero 422, polvora sem fumo, de base simples, granulada em pequenos cylindros com um canal central. Ella communica ao projectil, a 25m. da bocca da arma, a velocidade média restante de 874 m. por segundo, com pressões inferiores a 3300 atm^s por cm². dá-lhe, na bocca, uma energia de 36 kgm. ($V_0 = 890 \text{ m/s.}$)

89 — A *bala* (fig. 41), abreviadamente designada pela letra *P* (1) é formada por um *nucleo* de chumbo comprimido e endurecido com antimónio (2 a 3 por cento de antimónio) e um *envolucro* ou *camisa* de aço cupro-nickelado (aço doce, em chapa, recoberto dos dois lados de uma camada de *maillachort*, liga de cobre e nickel na proporção de 85 por cento do primeiro para 15 por cento do segundo). O nucleo fornece peso, a *camisa* previne a expansão do nucleo e resiste ao attrito nas raiaes.

A bala pesa 9 gr. e tem 29,8 mm. de comprimento, distribuidos em duas porções de forma e funcção bem caracterisadas: um tronco de cono de forçamento, na extensão de 10 mm. a partir da base do culote, e uma ogiva de penetração no ar (raio = 59 mm).

90 — A *capsula*, de latão identico ao do estojo, é carregada com 0,035 gr. de uma composicção detonante em que entram o fulminato de mercurio, o chlorato de potassio e o sulfureto de antimónio. A materia é ahi comprimida e recoberta por uma pellicula de estanho.

91 — *Falso cartucho* (fig. 41, b). E' constituido com os mesmos elementos de guerra, menos as cargas de polvora e de fulminato. Para distinguil-o á primeira vista, é elle todo nickelado e traz impressos no corpo do estojo tres sulcos e triados parallelos á base do culote.

92 — *Cartucho de festim* (fig. 41, c). O estojo apresenta no gargalo, proximo a bocca, um garganta ou *gola* sobre que assentam dois pequenos *tacos* de papelão, sobre o ultimo dos quaes é rebatido o bordo do gargalo.

E carregado com 0,65 gr. de polvora n.º 422 (Piquete.)

93 — Para metralhadora "Maxim", a *gola* desaparece e, em vez dos *tacos* de papelão, emprega-se uma bala ôca de madeira, com a forma e as dimensões da de guerra, a fim de dar ao cartucho as disposições necessarias á introduccção da arma.

Carga... de polvora de salva No... Piquete.

94 — *Cartucho de tiro reduzido* (fig. 41, d). O estojo é nickelado e possui como o de festim uma gola para fixar um *taco* de papelão e receber sobre este um balim espherico de chumbo endurecido com antimónio. Peso do balim: 2 gr. carga: identica á do cartucho de festim.

Esta munição é efficaz até a distancia de 100 metros.

95 — *Carregador*. O carregador, commum

(1) — No exercito allemão a vareta serve tambem para a formação dos sarilhos.

(1) — Inicial da palavra *pontuda*.

diversas especies de cartuchos, é formado por uma lamina de bordos rebatidos, na qual se fixa, por dois linguetes, uma mola de dupla curvatura. Os bordos servem de correição aos cartuchos, que a elles se ajustam pela ranhura de extracção, sob o esforço da mola.

De um lado e de outro do carregador acham-se dois pequenos resaltos ou *retens* que limitam a introdução da peça no respectivo receptor, no municiamento do depósito.

Para evitar a ferrugem é elle nickelado.

ACONDICIONAMENTO DA MUNIÇÃO

96 — Com excepção do falso-cartucho, cujo numero é limitado ao estritamente indispensavel á instrução do pessoal em cada companhia, são os demais reunidos por grupo de cinco ou *pentes de cartuchos*, em pequenos caixetas de papelão, á razão de tres pentes ou quinze cartuchos por caixeta. As caixetas são por seu turno acondicionadas em cunhetes de madeira de pinho com um revestimento interior ou forro de folha de zinco. Cada cunhete de munição contém 100 caixetas ou sejam 1500 cartuchos, pesando: o de guerra 52 kgs., o de festim 35 kgs. e o de tiro reduzido 38 ks.

97 — Para regularisar a distribuição da munição, trazem os cunhetes uma marca a fogo, na tampa, indicando a procedencia (Fabrica do Realengo) a especie de cartuchos e a arma a que se destinam, e o trimestre de carregamento. Esses dizeres vêm reproduzidos em rotulos collados ás caixetas ou carimbos nellas impressos.

Elles são differenciados immediatamente por duas listras coloridas traçadas obliquamente, ao lado uma da outra, nas duas faces maiores: preto e vermelho para o cunhete de guerra, preto e verde para o de festim, verde e amarello para o de carga reduzida.

(*Continúa.*)

Notas e Curiosidades

Do Sr. tenente Paula Cidade recebemos as seguintes linhas:

«Vamos ter um campo de instrução nos terrenos da Villa Militar e Gericinó. Aliás, as terras que pertenceram ao conde Pinho foram adquiridas para esse fim, segundo a autorização votada pelo Congresso; mas as facilidades e licenças para edificações clandestinas vão annullando essa disposição legislativa.

Qualquer pessoa, com autorização de qualquer commandante de corpo, levanta um pardieiro em certas zonas.

Merece especial menção uma fabrica de tecidos que funciona em Deodoro, que, não sendo proprietaria de terras, se occupa mais em construir predios de aluguel do que em fabricar pannos...

A criação de um campo de manobras determinando a cessação do avanço nas terras que o Ministerio da Guerra adquiriu para instruir a tropa, é um acto digno

de louvor, mas que deve ser completado pela transformação da Villa Militar em praça de guerra, com o seu commando responsavel, e prohibição absoluta de edificar sob qualquer condição.

*
**

O Almanak da Guerra deste anno é ainda um attestado dos nossos processos administrativos. As considerações pessoais explicam muito bem os grandes gastos que fazemos e dos quaes resulta a nossa pequena eficiencia.

Curiosissimo é o quadro de veterinarios. Dois capitães, com 50 e 49 annos, respectivamente, teem apenas 7 e 4 annos de serviço!

Serão ambos reformados, com todo o soldo, dentro de 2 e 3 annos, um com 8 e outro com 7 annos de serviço activo.

O mais moço dos 1^{os} tenentes nasceu em 1876 e foi nomeado 2^o tenente, effectivamente, em 1911, isto é, com 35 annos; contando sua antiguidade da reorganização do exercito, tem já os seus 4 annos (?) de serviço activo...

*
**

Não ha em todo o mundo militar quem diga, com conhecimento de causa, que devam ser as mesmas as bases para a reforma compulsoria dos combatentes, dos medicos, pharmaceuticos e veterinarios.

O proprio Almanak se encarrega disso.

A SARGENTEAÇÃO

Subrepticiamente, como uma ratasana num cesto de queijos, entrou pelas fendas do orçamento da despeza um *innocente* dispositivo que é mais uma *receita* de raposa do que uma *despeza*, principalmente de vergonha.

Sim, porque ninguém pôde despendar aquillo que não tem e cuja ausencia constitue um grande direito de propriedade. E' exactamente o caso em que... *todo o mundo é seu*.

Realmente, a concluir pelos casos quotidianos, o que constitue merecimento para promoção, entre nós, é uma coisa que seria engraçada se não fosse triste. Na escolha entre um que tem valor profissional e não pede e outro que entende tanto da profissão como um frade de pedra de dizer missa, mas que sabe pedir *p'ra cêra* e tem bons padrinhos (madrinhas ás vezes dão melhor resultado), rarissimas vezes a promoção é dada ao primeiro.

E' triste, mas é verdade. Não censuramos pessoas, mas profligamos costumes que veem de longa data e que todos nós desejamos ver banidos.

Abaixo o peditório.

Para o militar só deve constituir merecimento

para a promoção *serviço na profissão* e valor ou capacidade *profissional* e moral.

A capacidade *profissional* só pôde ser adquirida na *profissão*. Sendo assim, é natural que em igualdade de condições tenha mais capacidade profissional quem de facto exerce a profissão do que quem finge que a exerce, em corpos sem effectivos e sem quaesquer recursos ou em arsenaes e outras repartições, como amanuense ou auxiliar de escripta.

Parece logico, mas o tal art. 63 da *despeza* diz o contrario: reconhece merecimento para promoção em quem tenha *seis mezes* de serviço effectivo no *Exercito* (reparem bem que não é *na tropa*) em guarnições cujos effectivos, em algumas, estão desfalcados, e, em outras não existem; e não reconhece em quem serve *na tropa*, em corpos com alguns recursos e effectivos não tanto desfalcados e onde ha ao menos um arremedo de *profissionamento*.

Os taes *seis mezes* constituem o que pittorescamente ficou denominado a *sargenteação*...

E' de lastimar que haja quem tenha a falta de escrupulo necessaria para forgicar uma tal medida que quando não fosse immoral, seria no minimo inconstitucional.

Felizmente as altas autoridades não estiveram pelos autos e applicaram o contra-vapor necessario.

A medida levada a effeito pelo exmo. snr. ministro da Guerra, suspendendo as promoções por merecimento até Setembro, burlou a astucia da *canis vulpes*, por enquanto.

A Camara agora mais bem esclarecida, não consentirá em manter o fornecimento de gazua que fez á sabida raposa para que ella assaltasse a propriedade alheia.

Vejamos.

CONVOCAÇÃO

Poucos, mas sempre alguns, terão estranhado que por occasião da mudança de redacção desta revista se não houvesse escripto uma palavra de agradecimento aos seus assignantes, representantes e collaboradores.

E' nossa convicção, porém, que o auxilio prestado até aqui continuará inalteravel, porque não visava as pessoas transitorias dos redactores, mas um objectivo permanente: o erguimento do Exercito.

Portanto, é tambem nossa convicção que a mudança occorrida forçosamente ha de dar ensejo a que se avolume ainda mais a corrente dos que vão galhardamente subsidiando *A Defeza Nacional*.

Klinger.

A venda dos Regulamentos

A proposito da publicação do actual "Regulamento de gymnastica para infantaria e tropas a pé", commentando o emba-

raço em que se vêm os officiaes entrarmos para obter um exemplar do regulamento, mostramos em nosso n. 4 a necessidade de se os pôr á venda. A lei do orçamento deste anno, autorizando o governo a vender as publicações do Estado-Maior que não constituam segredo profissional, resolveu a difficuldade. E o Sr. Ministro da Guerra já baixou os avisos dando instrucções sobre o modo por que a cousa deve ser feita. Entramos, pois, numa era nova, em que para se conseguir um regulamento não será mais necessario ter-se um amigo no Estado-Maior.

Agora, é preciso que não sejam tão frequentes as modificações introduzidas nos regulamentos postos á venda. E quando a pratica indicar alguma correcção, ella deve ser feita em folhas complementares, postas tambem ao alcance de todos.

Assim, pela substituição das folhas alteradas, todos poderão ter seus regulamentos em dia. Proceder d'outro modo, reeditando todo um regulamento para introduzir-lhe uma modificação aconselhada pela experiencia, é forçar os interessados a constantes despesas evitaveis.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Memorial del Ejército de Chile, 1, 1916, X. Santiago.

Boletim Mensal do E. M. do Exercito, 1, 1916 VI. Rio.

Boletim da Sociedade Medico-Cirurgica Militar, n. 1, anno 1. Rio.

Revista Maritima Brasileira, ns. 3-4, Setembro e Outubro 1915.

Ilustrações da Grande Guerra, ns. 4 e 5.

✱

A Argentina Militar e Naval, do 1º Tenente Genserico de Vasconcellos.

O Pelotão em Campanha, do 1º Tenente Nilval.

Gratos.

EXPEDIENTE

Em signal de agradecimento pelos serviços prestados a esta Revista pelos ex-redactores Benedito Klinger, Lima e Silva e Pompeu Cavalcante, o Grupo Mantenedor resolveu por unanimidade de votos abrir uma excepção conservando-os como mantenedores effectivos, embora ausentes desta Capital.

✱

Art. 7º dos Estatutos — Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos.

Representantes da "A Defeza Nacional"

«O grupo mantenedor da *A Defeza Nacional* reconhece em seus representantes junto aos corpos de tropa, repartições e estabelecimentos militares, merito equivalente ao de seus collaboradores litterarios e o caracter de verdadeiros propagandistas da causa deste orgão, synthetisada em seu titulo.» (Art. 1 da Circular n. 6, de 24-5-915.)

No Rio de Janeiro

M. G. — 1.º Tte E. Leitão de Carvalho.
Gr. E. M. — 1.º Tte Arnaldo D. Vieira.
D. G. — Cap. J. A. Coelho Ramalho.
G. 2 — Cap. M. H. da Costa Santos.
G. 4 — 1.º Tte A. C. Pitta.
D. A. — Coronel Principe.
3.ª D. — 2.º Tte Columbano Pereira.
IV R. — 1.º Tte A. G. de Souza Mendes.
4.ª Br. C. — 1.º Tte O. Villa Bella e Silva.
6.ª Br. I. — Cap. Barros Barretto.
Br. Pol. — 1.º Tte M. Castro Ayres.
1.ª R. I. — 1.º Tte J. F. Jucá.
2.ª R. I. — 1.º Tte Octaviano Gonçalves.
3.ª R. I. — Cap. Dr. Alves Cerqueira.
52.ª Caç. — 1.º Tte Maciel da Costa.
56.ª Caç. — 1.º Tte Corbiniano Cardoso.
1.ª Cia. Metr. — 2.º Tte A. Cesar da Cruz.
Arsenal — Major Heitor C. Borges.

1.ª R. Cav. — Aspirante Oswaldo Rocha.
13.ª R. Cav. — 2.º Tte Sylvestre Mello.
5.ª Br. I. — 1.º Tte Jucá.
1.ª E. Trem — 2.º Tte Cedar Marques da Silva.
1.ª R. A. — 1.º Tte Manoel de B. Lins.
20.ª G. Art. — Aspirante Mario Teixeira Netto.
3.ª G. Ob. — 2.º Tte Fiuza de Castro.
1.ª Bat. Art. — Aspirante Gilberto de Freitas.
2.ª Bat. Art. — 1.º Tte Octaviano Leão.
Copacabana — 1.º Tte F. J. Pinto.
1.ª Bat. Eng. — Tte Procopio de Souza Pinto.
Comm. Fortificação — 1.º Tte J. Francisco Duarte.
E. M. — Realengo, Sr. Agenor Carlos Brandão
 Alumno Thimotheo F. Machado.
E. E. M. — P. Verm., 1.º Tte Eloy de S. Medeiros.
Coll. M. — 2.º Tte Q. de Castro e Silva.
 2.º Tte Maximiliano Fonseca (interino)
Fabr. Realengo — 1.º Tte Freire de Vasconcellos.

Fóra do Rio de Janeiro

47.ª Caç. — Belem, Aspirante Tristão Araripe.
50.ª Caç. — Bahia, 2.º Tte Leal de Menezes.
53.ª Caç. — Lorena, Capitão F. Vasconcellos.
5.ª R. Cav. — S. Luiz, Tte Cel Leovigildo Paiva.
11.ª R. Cav. — Bagé, 1.º Tte L. Almada Rodrigues.
15.ª R. Cav. — Aspirante Manoel Brilhante.
Coll. Barbacena — 1.º Tte Eduardo C. de A. Sá.
Coll. P. Alegre — 1.º Tte Vicente da Fonseca.
S. Gabriel — 1.º Tte Glycerio Gerpe.
VI Reg. — Capitão O. G. de Senna Braga.

VII Reg. — 1.º Tte Amaro Villa Nova.
43.ª B. Caç. — Ipanema, Capitão Evandro E. S. Lima.
6.ª B. Art. — Bahia, Tte Cel Pimenta.
5.ª G. Ob. — R. Grande, 1.º Tte J. Eraldes de Oliveira.
16.ª Grupo — Major Ramiro Souto.
18.ª Grupo — Bagé, 1.º Tte Salvador Obino.
Fabr. de Piquete — 1.º Tte Antonio R. de Rezende.
Fabr. Estrella — 2.º Tte Maciel da Costa.
10.ª R. I. — 2.º Tte Boanerges Marquesi.

O PAGAMENTO das assignaturas é adiantado e deve ser effectuado ao mais tardar no seu segundo mez. Os recibos são expedidos adiantadamente com o ultimo numero da assignatura. Pagamentos a qualquer representante ou a qualquer dos mantenedores ou á Papelaria Macedo, Rua da Quitanda, 74. Semestre, 5\$000; Anno, 10\$000.

CAIXA POSTAL 1602